

PESQUISAS NO EXTREMO NORTE

Letras, Artes e Culturas

Ayane Camila de Araújo Silva (Org.)



**PESQUISAS NO EXTREMO NORTE:
Letras, Artes e Culturas**

Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).

Esta publicação está licenciada sob [CC BY-NC-ND 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)

Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA

Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP

Prof.^a. Dr.^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar

Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA

Prof.^a. Dr.^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro

Prof.^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG

Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF

Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ

Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF

Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA

Prof.^a Dr.^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE

Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA

Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL

Prof.^a Dr.^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA

Prof.^a Dr.^a. Dayse Marinho Martins-IEMA

Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM

Prof.^a Dr.^a. Elane da Silva Barbosa-UERN

Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Ayane Camila de Araújo Silva (Org.)

PESQUISAS NO EXTREMO NORTE: Letras, Artes e Culturas

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2024

© 2024 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2024 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos,
Belém - PA, CEP: 66045-315

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Diagramação e capa

Worges Editoração

Revisão de texto

Autor

Bibliotecária

Janaina Karina Alves Trigo Ramos-CRB
8/9166

Produtor editorial

Nazareno Da Luz

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)



P474

Pesquisas no Extremo Norte: letras, artes e culturas / Ayane Camila de Araújo Silva (Org.) - Belém: RFB, 2024.

Livro em pdf.
88p.

ISBN 978-65-5889-744-6

DOI 10.46898/rfb.38b00fce-e4b4-4c16-a117-a3d5304d1335

1. Pesquisas no Extremo-Norte. I. Silva, Ayane Camila de Araújo (Org.). II. Título.

CDD 869

Índice para catálogo sistemático

I. Letras e Artes.

AGRADECIMENTO

A realização deste E-book é inicialmente uma obra conjunta entre acadêmicas que buscam compartilhar parte das suas produções durante o mestrado e levar suas pesquisas a novos horizontes. Logo, o primeiro agradecimento se direciona as colegas que compõem esse livro, aceitaram o desafio e viram nele uma oportunidade de partilhar conhecimento. Segundo, é importante também agradecer ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo apoio a partir de fomentos durante o nosso estudo.

Por fim, é muito importante agradecer aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR) por impulsionar e acreditar em nossas pesquisas. Em especial, ao professor Dr. Alan Ricardo Costa pelo belíssimo prefácio elaborado a este E-book. Muito obrigada a todos que tornaram esse livro possível.

DEDICATÓRIA

Para todos os nortistas e acadêmicos que às vezes sentem seus trabalhos invisibilizados, diminuídos e inferiorizados. O Brasil começa por aqui.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	9
CAPÍTULO I	10
MARCAS DOLOROSAS E VIOLENTAS: A LUTA INDÍGENA E A DECOLONIALIDADE NO BRASIL	10
Rayelle Coelho Duarte Santos	
CAPÍTULO II.....	22
NARRATIVAS MARGINAIS: A REPRESENTAÇÃO AMAZÔNICA EM <i>FANFICTIONS</i>	22
Ayane Camila de Araújo Silva	
CAPÍTULO III	32
NENÊ MACAGGI: DO NACIONAL AO REGIONAL	32
Elaine de Sousa Soares	
CAPÍTULO IV	48
O ESPECTRO EDIPIANO DE FRANZ KAFKA À LUZ DA PSICANÁLISE EM A METAMORFOSE.....	48
Hêndria Barata de Moura	
CAPÍTULO V	58
PERCEPÇÕES SOBRE A LINGUAGEM E A IDENTIDADE DE ALUNOS VENEZUELANOS EM DUAS ESCOLAS DE BOA VISTA - RR	58
Camila Godoy de Menezes	
Jhanayna Thamíris de Souza Almeida	
CAPÍTULO VI	72
REFLEXÕES SOBRE ESCRITA E PODER A PARTIR DA ANÁLISE DO ROMANCE CIRCE, DE MADELINE MILLER.....	72
Hilvany Lannay Silva Araújo	
ÍNDICE REMISSIVO	81
SOBRE AS AUTORAS/ORGANIZAÇÃO	84

PREFÁCIO

(OU DAS ALEGRIAS DA VIDA ACADÊMICA)

São recorrentes na atualidade os debates fervorosos sobre a importância da autonomia discente na pós-graduação, fundamental não só para o avanço científico, mas também para a popularização das pesquisas de formas mais inovadoras e efetivas. Para muito além das discussões (necessárias, claro), sobre a “cultura *publish or perish*”, urge focar questões referentes ao compartilhamento das publicações científicas atuais e a visibilidade delas. Nesse viés, o papel de acadêmicos na pós-graduação tem sido fundamental, por vezes alcançando espaços que o fazer científico tradicional nem sempre contempla.

Sopesando todo o exposto, é com inenarrável alegria que recebi o convite para prefaciar o presente livro, que surge como resultado da iniciativa, da autonomia e da ousadia acadêmica de pesquisadores vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL-UFRR). Considero a obra um conjunto potente de trabalhos recentes dedicados à riqueza linguística, artística e cultural do extremo norte do Brasil, o que já é um incentivo à leitura *per se*.

A Região Norte, essencialmente plural, diversa, complexa e rica em tradições e manifestações culturais e sociolinguísticas, está devidamente contemplada nos V capítulos que compõem o livro. Nesta obra estão reunidos variados temas e tópicos fundamentais para o debate acadêmico contemporâneo, tais quais: decolonialidade, povos originários, narrativas marginais, representações amazônicas, literaturas regionais (e nacionais), diversidade linguística e reflexões sobre a escrita, entre outros. O resultado não poderia ser diferente: em tempos de descredibilização da ciência e da docência, em momentos de injusto questionamento da importância da interculturalidade, da literatura, da arte e dos estudos linguísticos em geral, este livro pode revigorar e fortalecer o espírito dos leitores.

Agradeço sinceramente à organizadora e às autoras do livro, cujo esforço me possibilitou leituras, reflexões e aprendizagens. Na condição de docente e pesquisador em um PPG, agradeço pelo convite para a escrita desse prefácio e pela surpresa positiva que uma iniciativa de discentes pode causar.

Concluo este texto com uma homenagem ao rapper Emicida, que é também uma paródia do bonito título de uma de suas músicas: “Pequenas alegrias da vida adulta”. Que este livro possa (1) contribuir com pesquisa no norte e em todo Brasil, e (2) ser para todos os leitores uma “pequena (grande) alegria da vida acadêmica”, tal qual foi para mim.

Prof. Dr. Alan Ricardo Costa.

Abril de 2024.

CAPÍTULO I

MARCAS DOLOROSAS E VIOLENTAS: A LUTA INDÍGENA E A DECOLONIALIDADE NO BRASIL

Rayelle Coelho Duarte Santos

RESUMO

A luta pela autonomia e descolonização tem sido uma batalha de longa data para os povos indígenas no Brasil. O contexto histórico da colonização teve um impacto profundo nessas comunidades, levando à expropriação de terras, assimilação cultural e marginalização. Nos últimos anos, surgiram perspectivas e teorias decoloniais fundamentais para reflexão e ferramenta para os desafios enfrentados pelos povos indígenas, já que a colonização no Brasil teve consequências de longo alcance a esses povos originários. O processo de colonização, iniciado no século XVI, foi marcado pela chegada de colonizadores portugueses que buscavam explorar as terras e os recursos do território recém-descoberto. Como resultado, as comunidades indígenas foram submetidas à violência, deslocamento e trabalho forçado. Os efeitos da colonização nessas comunidades têm sido duradouros. A expropriação de terras, em particular, tem sido um problema significativo, com os povos originários perdendo grandes quantidades de suas terras ancestrais para os colonizadores e, posteriormente, para a expansão de indústrias como agricultura e mineração. A assimilação cultural também desempenhou um papel significativo na marginalização dos povos indígenas no Brasil. Dessa maneira, o presente estudo tem o objetivo geral de ressaltar a importância do decolonialismo para os povos indígenas, bem como objetivos específicos, analisar, verificar leis que garantem inclusão dos povos indígenas e o histórico do colonialismo no Brasil. Para isso, realizou-se como método o estudo de pesquisa qualitativa, realizando buscas de autores e comparações de informações acerca do tema, assim como o estudo descritivo. Por fim, notou-se decolonialidade também enfatiza a importância do conhecimento e epistemologias indígenas, que muitas vezes foram descartados ou desvalorizados em favor de perspectivas ocidentais.

Palavras-chave: Decolonialismo. Indígena. Brasil. Violência.

1. INTRODUÇÃO

A luta pelos direitos indígenas e pela decolonialidade no Brasil tem sido uma longa e árdua jornada, moldada por um contexto histórico complexo. Desde o momento da colonização, as comunidades indígenas enfrentaram a marginalização, a expropriação de suas terras e a erosão de suas práticas culturais. No entanto, nos últimos anos, ocorre um crescente reconhecimento da necessidade de abordar essas questões e promover a decolonialidade como uma estrutura para entender e abordar as lutas indígenas (ALMEIDA, 2006).

Rosendo (2021) explica que a colonização do Brasil pelos portugueses no século XVI marcou o início de uma longa e dolorosa história para as comunidades indígenas. A chegada dos colonizadores levou ao deslocamento e extermínio de inúmeros povos indígenas, bem como à introdução de políticas e práticas que os marginalizaram. Os portugueses procuraram explorar a terra e os recursos do Brasil, muitas vezes às custas das comunidades indígenas.

Isso levou ao trabalho forçado dos povos indígenas, à destruição de suas práticas culturais e à expropriação de suas terras. Uma das principais questões que as comunidades

indígenas continuam a enfrentar é a luta pelo direito à terra. Ao longo da história, as terras indígenas foram sistematicamente retiradas, muitas vezes em benefício do agronegócio, mineradoras e projetos de infraestrutura. Isso resultou na perda de territórios tradicionais e na ruptura dos modos de vida indígenas (PERUZZO, 2016).

Apesar do estabelecimento de marcos legais para proteger as terras indígenas, como a Constituição de 1988 e o processo de demarcação, muitas comunidades indígenas ainda enfrentam desafios para garantir seus direitos territoriais. Além disso, a erosão das práticas culturais indígenas foi outra consequência significativa da colonização (BRASIL, 2002).

As línguas, rituais e sistemas de conhecimento indígenas foram desvalorizados e suprimidos, levando à perda da diversidade e identidade cultural. A imposição da educação ocidental e das práticas religiosas contribuiu ainda mais para o apagamento das culturas indígenas. No entanto, as comunidades indígenas têm sido resilientes em seus esforços para preservar e revitalizar sua herança cultural, muitas vezes por meio de iniciativas como programas de revitalização linguística e festivais culturais (MIGNOLO, 2008; LUGONES, 2014).

Segundo Lugones (2014), a decolonialidade fornece uma estrutura teórica para entender e abordar a luta indígena no Brasil. Enraizada no reconhecimento dos efeitos contínuos da colonização e na necessidade de desafiar as narrativas dominantes e as estruturas de poder, a decolonialidade procura dismantelar os legados coloniais e promover a justiça e a igualdade. Ao reconhecer as injustiças históricas enfrentadas pelas comunidades indígenas e centrar suas vozes e experiências, a decolonialidade fornece uma lente através da qual analisar e abordar os problemas que enfrentam.

Dessa forma, o presente estudo tem o objetivo geral de ressaltar a importância do decolonialismo para os povos indígenas, bem como objetivos específicos analisar os direitos dos indígenas, verificar leis que garantem inclusão dos indígenas e o histórico do colonialismo no Brasil. Para isso, realizou-se como método o estudo de pesquisa qualitativa, realizando buscas de autores e comparações de informações acerca do tema, assim como o estudo descritivo, ou seja, realizando descrições de dados e afirmações colhidas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O COLONIALISMO BRASILEIRO

O colonialismo brasileiro refere-se ao período de colonização e domínio europeu no Brasil, que durou do século XVI até o início do século XIX. Durante esse período,

Portugal estabeleceu sua presença no Brasil, impulsionado por vários motivos, como ganho econômico, conversão religiosa e expansão territorial. Um dos principais motivos por trás do colonialismo brasileiro foi o ganho econômico. Portugal procurou explorar os vastos recursos naturais que o Brasil tinha para oferecer, especialmente metais preciosos e madeira (BRIGHENTI, 2015).

A descoberta de ouro e prata na região, como no estado de Minas Gerais, atraiu um número significativo de colonos portugueses que buscavam lucrar com as atividades de mineração. Este motivo econômico alimentou a expansão da presença portuguesa no Brasil e levou ao estabelecimento de vilas e cidades mineiras. A conversão religiosa foi outro motivo significativo para o colonialismo português no Brasil (BRIGHENTI, 2015).

A Igreja Católica desempenhou um papel crucial no processo de colonização, pois os portugueses buscavam difundir o cristianismo e converter as populações indígenas. Missionários foram enviados ao Brasil para converter os povos indígenas, resultando no estabelecimento de inúmeras missões e na construção de igrejas. Os jesuítas, em particular, desempenharam um papel fundamental nos esforços de conversão e foram fundamentais no estabelecimento de instituições educacionais para ensinar o cristianismo às populações indígenas (NDLOVU, 2017).

Motivos políticos também desempenharam um papel no colonialismo brasileiro. Portugal pretendia estabelecer reivindicações territoriais e expandir seu império colonizando o Brasil. O Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494 entre Portugal e Espanha, dividiu as terras recém-descobertas das Américas entre os dois países. O Brasil caiu na esfera de influência portuguesa, e a colonização da região permitiu que Portugal solidificasse suas reivindicações territoriais e mantivesse o controle sobre a área (NDLOVU, 2017).

O impacto do colonialismo brasileiro sobre as populações indígenas foi devastador. Os povos indígenas foram submetidos ao trabalho forçado e à escravidão pelos colonizadores portugueses. Eles foram forçados a trabalhar em minas, plantações e como empregados domésticos, muitas vezes suportando duras condições e tratamento brutal. A exploração da mão de obra indígena contribuiu para a prosperidade econômica dos colonos portugueses, ao mesmo tempo em que causou imenso sofrimento às populações indígenas. Além disso, a chegada dos europeus trouxe doenças que tiveram um impacto catastrófico nas populações indígenas (BRIGHENTI, 2015).

Doenças como varíola, sarampo e gripe, para as quais os povos indígenas não tinham imunidade, se espalharam rapidamente e dizimaram comunidades inteiras. Estima-se que a população indígena no Brasil tenha diminuído em até 90% devido à introdução

dessas doenças. A assimilação cultural foi outra consequência do colonialismo brasileiro (LUCIANO, 2006).

Os portugueses procuraram impor sua língua, religião e modo de vida às populações indígenas. As tradições, práticas e línguas indígenas foram suprimidas, levando à perda da identidade e do patrimônio cultural. Muitas comunidades indígenas hoje continuam a lidar com os efeitos dessa assimilação e se esforçam para preservar e revitalizar suas práticas culturais (PERUZZO, 2016).

2.2 AS VIOLAÇÕES SOFRIDAS PELOS POVOS ORIGINÁRIOS

As injustiças enfrentadas pelos povos indígenas ao longo da história têm sido uma questão persistente e preocupante. Do deslocamento forçado à assimilação cultural, as comunidades indígenas sofreram uma série de violações que tiveram impactos duradouros em suas vidas e bem-estar. Ao longo da história, os povos indígenas enfrentaram inúmeras violações que tiveram consequências devastadoras (BANIWA, 2006).

Uma das violações mais significativas é o deslocamento forçado e a realocação. Baniwa (2006, p. 35) afirma ainda que “as comunidades indígenas foram removidas à força de suas terras ancestrais, muitas vezes para dar lugar a projetos de colonização ou desenvolvimento”. Esta deslocação não só perturba o seu modo de vida, mas também leva à perda da sua ligação à terra e aos recursos que ela fornece. A assimilação cultural é outra violação sofrida pelos povos indígenas. Os colonizadores buscaram apagar as culturas indígenas e substituí-las pelas suas próprias, resultando na perda de práticas, línguas e costumes tradicionais. Muitas vezes, os povos indígenas foram forçados a abandonar suas identidades culturais e adotar a língua e os costumes dos colonizadores, levando à perda da diversidade cultural e do patrimônio. Além disso, a expropriação de terras e a exploração de recursos têm sido violações significativas contra os povos indígenas (FUNAI, 2016). Luciano (2006) afirma que ao longo da história, as terras indígenas foram sendo expropriadas, seja por remoção forçada, seja por mecanismos legais que favoreceram os colonizadores. Essa desapropriação privou as comunidades indígenas de seus territórios tradicionais, dificultando sua capacidade de se sustentar por meio de práticas tradicionais como caça, pesca e agricultura. Infelizmente, as violações contra os povos indígenas continuam a persistir na contemporaneidade.

A discriminação e a marginalização no acesso a serviços básicos são questões predominantes enfrentadas pelas comunidades indígenas. Os povos indígenas geralmente enfrentam acesso desigual à educação, saúde, água potável e saneamento, o que perpetua ainda mais as disparidades socioeconômicas (FLEURI, 2014, p. 25).

Segundo Fleuri (2014), as violações dos direitos à terra e aos recursos também são uma preocupação significativa para os povos indígenas hoje. Muitas comunidades indígenas ainda lutam para garantir o reconhecimento legal e a proteção de suas terras, levando a conflitos com governos e empresas que buscam explorar os recursos naturais. Isso não apenas prejudica os direitos dos povos indígenas, mas também contribui para a degradação ambiental e a destruição dos territórios indígenas. Além disso, a degradação ambiental decorrente das atividades industriais tem um impacto desproporcional sobre os territórios indígenas. As indústrias extrativas, como a mineração e a extração de madeira, muitas vezes invadem as terras indígenas, poluindo as fontes de água, destruindo ecossistemas e colocando em risco os meios de subsistência das comunidades indígenas. A consequente perda de biodiversidade e a destruição dos ecossistemas agravam ainda mais os desafios enfrentados pelos povos indígenas (ROSENDO, 2021).

2.3 DIREITOS DOS POVOS ORIGINÁRIOS

Saffioti (2004) enfatiza que o gênero não é apenas uma distinção biológica, mas uma construção social que abrange uma série de papéis, expectativas e comportamentos atribuídos a indivíduos com base em seu sexo percebido. No Brasil, os papéis tradicionais de gênero estão profundamente arraigados, com a expectativa de que as mulheres cumpram os deveres domésticos e de cuidado, enquanto os homens são encorajados a serem dominantes e assertivos. Essa divisão de trabalho baseada no gênero perpetua as desigualdades e restringe o acesso das mulheres à educação, ao emprego e à participação política.

Além disso, Saffioti (2004) destaca a interseccionalidade do gênero com outras identidades sociais, como raça, classe e sexualidade, que agravam ainda mais os desafios enfrentados pelas mulheres marginalizadas no Brasil. que reforça o domínio masculino e perpetua as desigualdades de gênero. As estruturas e normas patriarcais estão profundamente enraizadas em vários aspectos da vida, incluindo a família, a política e a economia. A dinâmica de poder dentro dessas estruturas muitas vezes resulta na subjugação e marginalização das mulheres, limitando sua agência e poder de decisão.

Davis (2016) apresenta o conceito de interseccionalidade, que enfatiza a importância de considerar múltiplas categorias sociais, como gênero, raça e classe, ao examinar as experiências e oportunidades dos indivíduos. Essas categorias não são separadas e distintas, mas sim se cruzam e interagem para moldar as realidades vividas pelos indivíduos. Esses sistemas de opressão se reforçam mutuamente e não podem ser examinados isoladamente.

Ou seja, mulheres de cor frequentemente enfrentam formas únicas de discriminação que resultam tanto de seu gênero quanto de sua raça, como serem submetidas a estereótipos raciais e sofrerem violência de gênero. Da mesma forma, as mulheres de origens socioeconômicas mais baixas podem enfrentar barreiras adicionais no acesso à educação, saúde e oportunidades de emprego. Ao reconhecer a interseccionalidade, pode-se entender melhor as complexidades das experiências individuais e a necessidade de uma abordagem inclusiva e interseccional para a justiça social.

Dessa maneira, os direitos dos povos indígenas têm sido um tema de grande relevância e debate nos últimos anos. Esses direitos estão enraizados em uma longa história de marginalização e maus-tratos, que levou ao reconhecimento da necessidade de proteção e privilégios específicos para as comunidades indígenas. Os povos indígenas há muito sofrem uma história de colonização, desapropriação e assimilação forçada. Ao longo dos séculos, as comunidades indígenas enfrentaram violência, discriminação e perda de suas terras e recursos (CASAS, 2017).

A colonização europeia das Américas, por exemplo, resultou no deslocamento e subjugação de inúmeras tribos indígenas, levando à erosão de suas culturas e modos de vida tradicionais. No entanto, os maus-tratos aos povos indígenas não passaram despercebidos. Ao longo do século passado, houve um crescente reconhecimento da necessidade de abordar as injustiças históricas infligidas às comunidades indígenas (MARÉS, 2013).

Eventos importantes, como a formação das Nações Unidas (ONU) e o estabelecimento da Organização Internacional do Trabalho (OIT), forneceram plataformas para a defesa dos direitos indígenas. Além disso, instrumentos e declarações internacionais têm sido cruciais para reconhecer e proteger os direitos dos povos indígenas (BRASIL, 2002).

A Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas (UNDRIP), adotada em 2007, é um documento histórico que define os direitos coletivos e individuais dos povos indígenas. Ele enfatiza a necessidade de autodeterminação, direitos territoriais, preservação cultural e o direito de participar dos processos de tomada de decisão que afetam as comunidades indígenas.

Os direitos dos povos indígenas abrangem uma série de princípios e componentes vitais para a proteção e o empoderamento dessas comunidades. Um dos princípios fundamentais é o direito à autodeterminação e à autonomia. Isso inclui o direito de determinar seus próprios sistemas políticos, econômicos, sociais e culturais, bem como o direito de buscar livremente seu próprio desenvolvimento. Outro componente crucial dos direitos indígenas é o direito à terra, territórios e recursos naturais (BRASIL, 1973).

Os povos indígenas têm uma conexão profunda com suas terras ancestrais, que são parte integrante de sua identidade cultural e sobrevivência. O reconhecimento e a proteção desses direitos são essenciais para que as comunidades indígenas mantenham seus estilos de vida tradicionais, preservem sua herança cultural e sustentem seus meios de subsistência. Além disso, os direitos dos povos indígenas também abrangem o direito à integridade cultural e à preservação do conhecimento tradicional (BRASIL, 1993).

De Freitas et al. (2020) explicam que as culturas indígenas são ricas em práticas, crenças e costumes únicos que contribuem para a diversidade do patrimônio mundial. Garantir a proteção e a promoção desses direitos culturais é crucial para o bem-estar e a identidade das comunidades indígenas. Apesar do progresso alcançado no reconhecimento dos direitos indígenas, persistem desafios e barreiras alarmantes.

Um dos principais obstáculos é a expropriação de terras e a extração de recursos, o apagamento dos povos indígenas, suas crenças, rituais, cultura e seu modo de viver. As terras indígenas são frequentemente alvo de projetos de extração de recursos, como mineração, extração de madeira e agricultura em larga escala. Essas atividades não apenas resultam na perda de terras ancestrais, da história e riqueza cultural, mas também contribuem para a degradação ambiental e a perturbação do modo de vida das comunidades indígenas. A discriminação e a marginalização também representam desafios significativos para a realização dos direitos indígenas (BRIGHENTI, 2016; DE FREITAS et al. 2020).

2.4 A IMPORTÂNCIA DA DECOLONIALIDADE PARA AS COMUNIDADES INDÍGENAS

Mignolo (2008, p. 208) *apud* Lugones (2014, p. 24) afirmam que:

A diferença colonial é o espaço onde a colonialidade do poder é acionada. Uma vez que a colonialidade do poder é introduzida à análise, a “diferença colonial” se torna visível, e as rupturas epistemológicas na crítica eurocêntrica ao eurocentrismo são separadas das críticas ao eurocentrismo ancoradas na diferença colonial (...).

Dessa maneira, a colonização teve um impacto profundo nas comunidades indígenas em todo o mundo, resultando na perda de terras, cultura e identidade. Os efeitos da colonização ainda são sentidos hoje, pois os povos indígenas continuam enfrentando discriminação e marginalização sistêmicas. Em resposta a essas lutas contínuas, o conceito de decolonialidade surgiu como uma estrutura para o empoderamento indígena. A decolonialidade desafia e perturba as estruturas de poder colonial, ao mesmo tempo em que busca recuperar línguas, tradições e sistemas de governança indígenas (LUGONES, 2014).

A colonização de terras indígenas teve consequências devastadoras para as comunidades indígenas, com efeitos profundos e duradouros em suas culturas, terras e identidades. Os povos indígenas foram deslocados à força de seus territórios tradicionais, levando à perda de conexões ancestrais e ao rompimento de práticas comunitárias e espirituais. A imposição de sistemas de governança colonial e estruturas legais erodiu ainda mais a autonomia e a autodeterminação indígenas.

Dessa maneira, Rosendo (2021) explica que a colonização resultou na perda de saberes e práticas tradicionais. As comunidades indígenas há muito conhecem profundamente seus ambientes, usando práticas sustentáveis que garantem a preservação dos recursos naturais. No entanto, a colonização interrompeu essas práticas, pois os povos indígenas eram frequentemente forçados a adotar métodos agrícolas ocidentais e sistemas econômicos que não eram sustentáveis em seus contextos locais.

Essa perda de conhecimento tradicional teve consequências graves para as comunidades indígenas, que lutam para se adaptar aos desafios ambientais impostos pela mudança climática e pelo esgotamento dos recursos. A discriminação sistêmica e a marginalização enfrentadas pelas comunidades indígenas são outros efeitos duradouros da colonização. Os povos indígenas têm sido submetidos a políticas e práticas que perpetuam a pobreza, limitam o acesso à educação e à saúde e restringem a participação política (CAPISTRANO, 2011).

Fleuri (2014, p. 16) em seu estudo reitera que “essa marginalização resultou em altos índices de pobreza, desemprego e desigualdade social nas comunidades indígenas, agravando ainda mais os desafios que enfrentam”. A colonização teve um impacto profundo nas comunidades indígenas, levando à perda de terras, cultura e identidade.

No entanto, o conceito de decolonialidade oferece uma estrutura para o empoderamento indígena. Ao desafiar e interromper as estruturas de poder colonial, a decolonialidade busca recuperar línguas, tradições e sistemas de governança indígenas. Por meio da revitalização das culturas e identidades indígenas, a decolonialidade tem o potencial de capacitar as comunidades indígenas e abordar a discriminação sistêmica e a marginalização que enfrentam (PERUZZO, 2016).

No entanto, Mignolo (2008) ressalta que a implementação de práticas decoloniais pode enfrentar desafios e resistência, principalmente por parte daqueles que se beneficiam das estruturas de poder existentes. No entanto, é crucial reconhecer a importância da decolonialidade na promoção da justiça, igualdade e autodeterminação das comunidades indígenas.

3. CONCLUSÃO

O legado do colonialismo brasileiro ainda é evidente na sociedade contemporânea. As disparidades socioeconômicas persistem entre povos indígenas e populações não indígenas. As violações sofridas pelos povos indígenas tiveram impactos profundos em suas vidas e bem-estar. A perda da identidade cultural e da linguagem é uma consequência significativa das violações históricas e contemporâneas.

Notou-se que as comunidades indígenas que foram assimiladas à força ou deslocadas muitas vezes lutam para manter suas práticas culturais, levando a uma perda de herança e identidade cultural. As disparidades socioeconômicas e a pobreza também prevalecem entre as comunidades indígenas. A marginalização histórica e contínua dos povos indígenas resultou em acesso limitado à educação, oportunidades de emprego e serviços sociais. Isso perpetua um ciclo de pobreza e dificulta o desenvolvimento socioeconômico das comunidades indígenas.

Por fim, ao aplicar a decolonialidade à luta indígena no Brasil envolve questionar e desafiar as narrativas dominantes que perpetuam a marginalização dos povos indígenas. Envolve reconhecer que a desapropriação histórica e contínua das terras indígenas não é simplesmente uma questão de desenvolvimento econômico, mas resultado da violência e exploração colonial. A decolonialidade também enfatiza a importância do conhecimento e epistemologias indígenas, que muitas vezes foram descartados ou desvalorizados em favor de perspectivas ocidentais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tereza Cristine Cruz. **Educação indígena sob a tutela da legislação: o desafio da afirmação étnica e cultural.** In: VASCONCELO, J.G, SOARES, E.L.R, CARNEIRO, Isabel M.S.P. *Entre tantos: Diversidade na Pesquisa Educacional.* Fortaleza, UFC, 2006.

BANIWA, G. (2006). **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Rio de Janeiro: LACED/Museu Nacional.

BRASIL, **Decreto nº 5.051.** Convenção nº 169 da OIT Sobre Povos Indígenas e Tribais: MEC/SEF, 2002

BRASIL, **Ministério da Educação e do Desporto.** Diretrizes para Política Nacional de Educação Escolar Indígena. Brasília, 1993.

BRASIL. **Lei n. 6.001, de 19 de dezembro de 1973.** Dispõe sobre o Estatuto do Índio.

BRIGHENTI, Clovis Antonio; WITTMANN, L. T.; SOUZA, F. F. Colonialidade e decolonialidade no ensino da História e Cultura indígena. **Protagonismo indígena na história**, p. 231-285, 2016.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. Decolonialidade, Ensino e povos indígenas: uma reflexão sobre a Lei nº 11.645. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Lugares dos historiadores: velhos e novos historiadores**, v. 28, 2015.

CAPISTRANO, Rubens. **Da Capacidade Indígena no Brasil**. 2011. Disponível em < [http://www.webartigos.com/articles/1380/1/Da - Capacidade - Indigena-no-Brasil/pagina1.html](http://www.webartigos.com/articles/1380/1/Da-Capacidade-Indigena-no-Brasil/pagina1.html)>, Acesso em 10 abr. 2011.

CASAS, Frei Bartolomé de Las. **Obra Indigenista**. Madrid: Alianza Editorial, 1985. CUNHA, Manuela Carneiro da. Os direitos do índio: ensaios e documentos. São Paulo, Editora Brasileira, 1987

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

DE FREITAS, Rosenilda Rodrigues; SIMAS, Hellen Cristina Picanço; GARCIA, Fabiane Maia. Políticas públicas para indígenas: da educação básica ao ensino superior. **Interfaces da Educação**, v. 11, n. 32, p. 571-605, 2020.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interculturalidade, identidade e decolonialidade: desafios políticos e educacionais. **Série-Estudos**, n. 37, p. 89-106, 2014.

FUNAI – FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. Política Indigenista, 2016. Disponível em: . Acesso em: set. 2016. GOMES, Mércio Pereira. Os índios e o Brasil: passado, presente e futuro. São Paulo: Contexto, 2012.

LUCIANO, G. dos S. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: MEC/SECAD; Rio: LACED/Museu Nacional, 2006. v. 1. (Coleção Educação Para Todos).

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo decolonial**. Rev. Estudos Feministas. v. 22, n.3, p. 320, setembro-dezembro, 2014.

MARÉS, Carlos. Os povos indígenas e o direito brasileiro. **Os direitos dos povos indígenas no Brasil: desafios no século XXI**. Curitiba: Ed. Letra da Lei, p. 13-34, 2013.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

NDLOVU, Morgan. Por que saberes indígenas no século XXI?-uma guinada decolonial. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 1, n. 1, p. 127-144, 2017.

PERUZZO, Pedro Pulzatto. Direitos humanos, povos indígenas e interculturalidade. **Revista Videre**, v. 8, n. 15, p. 4-18, 2016.

ROSENDO, Ailton Salgado et al. Formação de professores indígenas e possibilidades decoloniais. **Liinc em Revista**, v. 17, n. 2, p. e5781-e5781, 2021.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.

CAPÍTULO II

NARRATIVAS MARGINAIS: A REPRESENTAÇÃO AMAZÔNICA EM *FANFICTIONS*

Ayane Camila de Araújo Silva

RESUMO

A perspectiva e a classificação do que é literatura amazônica (se é ou não esse o termo) e quais os cânones e as línguas representadas, é um dos debates ainda latentes e não consensuais dos pesquisadores, estudiosos e até mesmo escritores da contemporaneidade. Dentro do espectro local/universal proponho neste trabalho a leitura e análise de narrativas marginais: *fanfictions*; sob o pretexto de identificar uma possível identidade amazônica, estereótipos e os aspectos presentes na cultura de massa em específico nesse gênero textual.

Palavras-chave: *Fanfic*; Amazônia; Literatura Marginal; Produção de Jovens.

1. INTRODUÇÃO

De acordo com Furtado (2021, p. 520), o primeiro romance pertencente e/ou enquadrado no que se convencionou chamar de “amazônico” foi publicado em 1857, no estado de Recife, sendo de autoria de Lourenço da Silva Araújo Amazonas. O romance intitulado Simá é não só o primeiro, mas também classificado como indianista, uma narrativa onde um dos protagonistas é indígena. É importante ressaltar que, para a autora, é mais válido considerar os últimos 150 anos da história onde ocorreu a emancipação literária brasileira. Além disso, é a partir do indianismo que surgem as outras obras que vão formular-se até o início das narrativas cujo centro é a preocupação social.

Além do percurso inicialmente descrito acima, há um apagamento de narrativas escritas e/ou ambientadas na grande Amazônia que existem em diferentes sites e plataformas na internet. Essas narrativas, também caracterizadas como marginais, de acordo com Neves (2011), tornam-se a mistura do local, abordando o folclore brasileiro ou mesmo a cultura indígena, e universal, ao misturar elementos da cultura de massa e dos fãs de animes, bandas, entre outros. Refiro-me aqui às *fanfictions*, histórias escritas e lidas na internet e de autoria majoritariamente jovem, onde fãs apropriam-se de elementos da cultura (desde obras cinematográficas, literárias, como também bandas, cantores, atores, etc.) e produzem as mais diferentes narrativas, ainda muito pouco lidas e estudadas pela academia. Apesar de ainda pouco estudadas, as *fanfics* já foram notadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e acrescentadas no rol dos gêneros textuais a serem usados em sala de aula.

Neste trabalho, proponho uma análise das identidades e representações amazônicas presentes nas *fanfics*, como também os possíveis estereótipos. Ademais, também irei observar como os elementos comuns das *fic*s se entrelaçam com as características culturais e partes do enredo que são desencadeadas por conta desses elementos culturais. Para isso, foram elencadas duas *fanfics*, a primeira é “À Luz do Luar”, atribuída aos usuários Samy2807 e Naruhinaproject, e a segunda é “Sangue Tupi”, do usuário Samipvg. Ambas as histórias são

encontradas na plataforma e rede social Spirit Fanfiction, porém são inseridas em grupos de fãs diferentes.

Ao longo do trabalho, serão explicadas e elencadas algumas características importantes do gênero fanfiction, como também os que estarão presentes nas narrativas selecionadas. Além disso, também abordarei as estruturas técnicas das narrativas amazônicas, de acordo com Furtado (2021), e o regionalismo, a partir de Leão e Campos (2021).

2. AS FANFICTIONS

Termo advindo da língua inglesa, fanfiction pode ser traduzido como “ficção de fã” pela junção das palavras fan e fiction. Apesar dessa tradução ser literal, ela também significa basicamente o que é esse universo que advém da cultura de massa e gerou o que Jenkins (2010), em seu livro *Piratas de Textos*, chamou de cultura participativa. De acordo com o autor, tendo o início conhecido nos anos 60 com a série de TV Star Trek, o grupo de fãs quebrou a distinção fixa que existia entre leitores e escritores. Os fãs passaram de consumidores de histórias pré-fabricadas para produtores de novas narrativas, fanzines, pôsteres artísticos, canções, vídeos, etc. É assim que esses grupos se convertem na cultura participativa e transformam as experiências do consumo dos meios de comunicação e da produção de novas narrativas, culturas e comunidades (2010, p. 62 e 63).

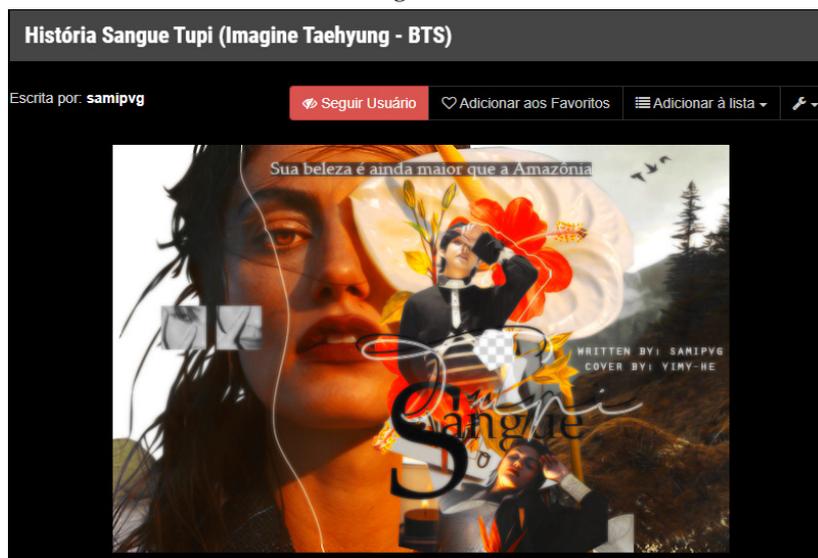
O que antes era conhecido como grupos de fãs passa a ter o nome de fandoms e de uma série de TV surgem outras obras que passam a ter novos grupos a dedicar-se das mais diferentes formas. Com o advento das redes sociais os FC's organizaram-se e, com o tempo, novas plataformas foram abertas para a maior interação. Essas plataformas se materializaram em blogs, sites e na atualidade também em aplicativos para o celular. Das fanzines antes elaboradas em papel, surgem as fanfictions já ambientadas nos meios virtuais. Irrompem assim uma verdadeira globalização da cultura de fã e o compartilhamento das mais diferentes formas de ser fã.

Com efeito, as fanfics assumem hoje as mais diferentes características e gêneros passeando pela comédia, o terror, o romance ou mesmo as misturas de vários deles. Passa-se assim por uma mutabilidade que faz com que surjam diferentes dicionários com as tipologias, os distintos elementos e as nomenclaturas recebidas para cada situação. Neste trabalho não abordarei todos esses elementos, entretanto é importante salientar uma das principais características intrínsecas às fanfics: todas elas partem de, pelo menos, um elemento cultural; seja este livro, cantor, ator, banda ou até as mesclas de vários universos, uma vez que uma

pessoa pode participar de mais de um fandom. A escrita também pode ocorrer de forma participativa, não sendo difícil encontrar histórias com mais de um autor.

Diante da contextualização, partiremos agora para um breve conhecimento das duas fanfictions que aqui serão abordadas. Ambas as histórias foram selecionadas na rede social, plataforma de leitura e publicação de histórias Spirit Fanfictions. Para encontrá-las, utilizei a busca por TAGs disponível na plataforma a partir da palavra “Amazônia”. Sangue Tupi foi a primeira a aparecer quando selecionada a opção das “mais populares” a partir da TAG. Ela foi iniciada e terminada no ano de 2019 e possui quatro capítulos, estando inserida no fandom Army (nome dado aos fãs do grupo masculino denominado Bangtan Boy - BTS). Esse grupo de fãs está também anexo ao que se chama atualmente de K-pop e normalmente engloba vários conhecimentos e incorporações da cultura sul-coreana. Apesar do grupo ter sete membros, a história foca e é protagonizada apenas por um deles: Kim Tae-Hyung, mais conhecido por seu nome artístico “V” ou apenas por Taehyung. Ainda no título, lugar onde alguns escritores escolhem colocar avisos sobre o foco ou estrutura do enredo, há a palavra *imagine* entre parênteses.

Figura 1



Fonte: Captura de tela realizada pela autora.

Na figura acima, retirada diretamente da plataforma, contém o que chamam de “capa”, normalmente feita por capistas ou pelo próprio autor. Além do termo *imagine* explícito no título assim como o nome do membro do grupo que será foco. Ademais, o uso do termo é um pouco controverso uma vez que não há unanimidade sobre o que significa e acaba por vezes confundindo com outros termos como “one-shot”. O significado mais difundido estabelece que um *imagine* será uma narrativa onde o leitor faz parte da história

no que chamam também de *fanfics interativas*. Além disso, eles também podem ser caracterizados por uma descrição narrativa cujo objetivo é levar o leitor a vivenciar a história.

No caso de *Sangue Tupi* os protagonistas são bem descritos e possuem nome, como também personalidades definidas. O que nos leva a crer que *imagine* tenha sido usado para caracterizar uma história apenas com um dos integrantes do grupo como foco. Além de ser uma história mais curta e com cenas com conteúdo sexual. Em alguns casos as narrativas que possuem poucos capítulos e com foco em cenas de descrição sexual são chamadas de *hot*. O *imagine*, nesse caso, será utilizado mais no sentido similar ao *hot*.

Figura 2



Fonte: captura realizada pela autora.

A segunda *fanfic* recebe o título de *À Luz do Luar* e apresenta como protagonismo dois personagens de um dos mais conhecidos animes da atualidade. Naruto é uma animação japonesa, que possui aproximadamente 700 capítulos com duas divisões na história, uma criança e outra adolescente. Durante a história do anime o personagem principal, de nome homônimo ao título atribuído, recebe uma atenção amorosa de outra personagem chamada Hinata. Grande parte do *fandom* (sem nome definido) do anime shippa os dois. Logo, a *fanfiction* foca nos dois, representados na capa disposta acima. A história possui dois capítulos tendo como proposta ser breve, além de ter sido iniciada e terminada em 2021.

3. LITERATURA DA/NA AMAZÔNIA

Literatura Amazônica, Literatura na Amazônia, Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, são alguns dos nomes atribuídos a manifestação artístico-literária produzida no território caracterizado como Amazônia no continente sul-americano. Delimitações são normalmente necessárias para pesquisas, recortes de uma realidade, entender um pedaço dentro de um todo. Entretanto, algumas outras vezes, as delimitações funcionam mais

como uma gama de estereótipos que separam no lugar de auxiliar a entender. Dentro desse aspecto, os estereótipos são um dos pontos que sempre permeiam a literatura amazônica.

No caso da produção artístico-literária da/na amazônia há ainda uma forte influência do passado colonizador brasileiro. Sobre a delimitação do local perante o que é caracterizado como universal, Santiago afirma:

A universalidade ou bem é um jogo do colonizador, em que se consegue pouco a pouco a uniformização ocidental do mundo, a sua totalização, através da imposição da história européia como História universal, ou bem é um jogo diferencial em que as culturas, mesmo as em situação econômica inferior, se exercitam dentro de um espaço maior, para que se acentuem os choques das ações de dominação e as reações dos dominados. (SANTIAGO *apud* FERNANDES, 1982, p. 23-24)

Fernandes (2004, p. 112), de acordo com Santiago, afirma que o caráter entre nacional e regional da produção de origem amazônica é mais uma questão metodológica do que conceitual propriamente. Ainda sobre o assunto, Leão e Campos sinalizam a importância do debate sobre os regionalismos e esclarecem que “torna-se necessário, ao levar em consideração que a existência de um regionalismo pressupõe a existência de um não regionalismo. E pensar esse não regionalismo implica pensar na sobreposição de um centro (não-regionalista) sobre as margens (lugar de regionalismos) [...]” (2021, p. 649). Logo, questionar o lugar em que enquadram as obras por vezes com inferioridade e/ou diminuição de obras perante outras. Por razões metodológicas, o artigo partirá para um breve panorama das narrativas amazônicas que são importantes para a análise e entendimento das fanfics.

As narrativas lendárias, os mitos, nascem da necessidade de explicação da realidade até então inexplicável. Penna (2009, p. 31) afirma que “os mitos forneciam aos seres humanos um corpo de conhecimento e métodos para lidar com a natureza e construir modos comunitários de vida produtivos e criativos”. Curupira, Cobra Grande, Vitória Régia, Mula-sem-cabeça, Iara, Boitatá, Boto, são algumas das mais tradicionais lendas brasileiras, tendo em grande parte originado no norte do país.

Dentre essas, a lenda do boto é uma das mais conhecidas, ganhando mais visibilidade a partir de memes na internet e séries de TV como “Cidade Invisível” da plataforma de streaming Netflix. Apesar de existirem diferentes variações biológicas do Boto dentro da Amazônia, a variação mais presente nas histórias, cirandas e outras manifestações culturais é a do boto-cor-de-rosa. De acordo com um site de turismo do governo do estado do Pará, a lenda conta

Que o Boto, mamífero encontrado nos rios da Amazônia, se transforma em belo e elegante rapaz durante a noite, quando sai das águas à conquista das moças. Elas não resistem a sua beleza e simpatia e caem de amores por ele. O boto também é considerado protetor das mulheres, pois quando ocorre naufrágio com uma embarcação, se o boto estiver por perto ele salva a vida das mulheres empurrando-

as para a margem do rio. As mulheres são conquistadas pelo boto na beira dos rios, quando vão tomar banho ou mesmo nas festas realizadas nas cidades próximas a rios. O boto vai aos bailes e dança com sua provável vítima, lançando galanteios de sedução. A mulher, sem desconfiar da armadilha, se apaixona e engravida do “rapaz”. É por esta razão que ao boto é atribuída a paternidade de todos os filhos de mães solteiras (gov.br *apud* Santos e Ribeiro 2018, p. 2).

Segundo a lenda, em noite de lua cheia, o boto é encantado e transforma-se em um homem branco, alto, magro e de cabelos escuros, trajando um terno branco e um chapéu que esconde o furo na cabeça, que simboliza a sua origem animal. Quando metamorfoseado, o boto seduz a mulher mais bonita que encontra, normalmente em festejos da cidade, e ainda provoca ciúmes entre os homens do povoado. Ao seduzir a mulher, eles passam juntos uma noite caracterizada como de forte e intenso prazer, para no outro dia a mulher acordar sozinha e grávida. Além de representar um forte padrão hegemônico, o boto também assume a paternidade de diferentes filhos, cujos pais são desconhecidos.

4. NARRATIVAS MARGINAIS

Como afirma Furtado (2021, p. 531), durante o século XX, “terra” era um dos vocábulos mais presentes nos títulos das obras publicadas que tinham dentro da sua história a ambientação do enredo na Amazônia. Este é um bom panorama que nos permite observar a criação de histórias sempre associadas ao meio ambiente. No século XXI começam a surgir narrativas que, apesar de se passarem na Amazônia, focam a sua história mais em relações interpessoais do que no ambiente. Um claro exemplo é “Dois Irmãos” e “Relato de Um Certo Oriente” de Milton Hatoum, vencedor do Prêmio Jabuti. Penalva e Figueiredo sobre a estereotipação das narrativas e da Amazônia como um geral, afirmam que a

tradição de discursos e escritas sobre a Amazônia brasileira aponta para a existência de dois projetos literários predominantes: ora fala-se dessa região como espaço inóspito e quase desabitado, ora como Eldorado, espaço de riquezas imensuráveis e que há muito tempo tem despertado a ganância e a imaginação dos europeus (PENALVA; FIGUEIREDO 2018, p. 574).

Na *fanfiction Sanguê Tupi* o personagem principal começa a história narrando o sentimento de aventura que sempre possuiu e afirma gostar e querer conhecer novas culturas e lugares. Ainda no primeiro parágrafo existe um realce especial pela Amazônia onde o personagem narra que o local é o mais misterioso e “berço da fauna e flora”.

[..] no entanto, um habitat em especial me encantava além do normal, era surreal. Ah, Amazônia, maior berço histórico da fauna e da flora. Eu precisava, no ápice da minha existência conhecer aquele lugar, se não iria sentir pra sempre uma necessidade, um vazio. E me mover para realizar um sonho era o que eu mais fazia. Eu ansiava sair das pesquisas, das imagens e tocar, ver de perto a grandeza da floresta amazônica. (SAMIPVG, cap.1)

Além disso, o próprio título do primeiro capítulo já relaciona a protagonista feminina com a floresta, sendo ele “Entre a mata densa dos seus olhos”. A personagem feminina é uma indígena da “tribo tupi”, local onde o protagonista, Taehyung, vai conhecer. Durante a narrativa há uma série de termos na língua “tupi guarani” que a autora justifica nas notas dispostas no final no primeiro capítulo. Ela afirma:

Eu usarei o palavrado tupi Guarani entre os diálogos como fiz nesse, ok? Até então eu iria colocar a tradução das palavras aqui, mas eu deixarei por vocês a pesquisa, ok? Não por maldade nem nada, mas o tupi é a nossa raiz, e eu quero que com a história desperte o gatilho para uma pesquisa e descoberta da nossa cultura. (SAMIPVG)

Na *fanfic* os personagens indígenas reproduzem um dos principais estereótipos dos indígenas brasileiros. Em diversas falas os personagens reproduzem falas com pouca ou nenhuma conjugação verbal em frases como: “Terra de índio sendo caçada. Bicho sendo caçado, mata sendo tirada do lugar dela”, dita pelo “cacique” e pai do interesse romântico do protagonista.

Na segunda *fanfiction* aqui abordada os estereótipos a respeito da amazônia são menos observados. Há uma mistura e complementação da cultura pop a partir do anime junto aos aspectos tradicionais da lenda popular. Apesar de algumas lendas possuírem o crédito de origem indígenas, grande parte delas foram concebidas a partir de vivências e experiências de ribeirinhos e outros povos tradicionais brasileiros. A *fanfic* é principalmente narrada pelo ponto de vista da Hinata, protagonista feminina, mas há momentos em que Naruto, protagonista masculino, também apresenta sua visão do enredo. Ademais, a protagonista, que é nova iorquina na *fic*, justifica a sua feição ao brasileiro a partir da leitura de Monteiro Lobato e os quadrinhos do Chico Bento na infância, como também a relação do pai com o país. Logo, após uma difícil separação com outro personagem do anime, Kai, ela espera ser mãe por já acreditar estar quase passando do tempo biológico.

Os dois protagonistas finalizam a história juntos, ao receber uma bênção do que chamaram de “Jaci”, uma deusa protetora dos amantes, e o boto transforma-se totalmente em humano.

Acordei com uma luz quente e incômoda vindo da janela e arregalei os olhos, havia dormido na casa de Hinata, ela ainda estava completamente adormecida em meu peito e eu permanecia em minha forma mortal. Tentei fazer alguma conexão até que me lembrei de Jaci, protetora dos amantes... seria tudo um plano da deusa? Me fez apaixonar por Hinata e sentir saudade, o mesmo para com ela (Samy2807 e Naruhinaproject)

No segundo e último capítulo, Naruto conhece o filho que teve com Hinata em um encontro ao transformar-se mais uma vez em humano e sonha com a realização de uma família. Depois de mais uma noite de amor, ele acaba não voltando ao rio e adormece ao

lado da amada para amanhecer agora totalmente humano. O final distinguiu-se da narrativa da lenda, mas supre o romance sedento pelos fãs.

5. CONSIDERAÇÕES

Ambas as histórias contêm forte e minuciosa descrição sexual muito comuns em *fanfictions*. *Sangue Tupi* é uma história que mostra vários estereótipos e idealizações da Amazônia enquanto também mostra um desconhecimento da realidade vivida no lugar. À *Luz do Luar*, entretanto, apodera-se da mitologia brasileira e cria uma narrativa junto aos elementos próprios dos *fandoms*. Nos comentários, ambas as autoras das obras evidenciam a vontade de conhecer e propagar a cultura brasileira e reforçam o empenho a partir do estudo na internet com as informações que são dispostas na rede.

Não é comum que lembrem-se das narrativas digitais como parte da composição cultural de um local. Primeiro, em razão da numerosa e extensa produção sem a seleção de uma editora. Segundo, pelo preconceito que advém da falta da aprovação da academia e também de um editorial. Por último, por um desconhecimento do que se produz. Leão e Campos categorizam que “as literaturas provenientes das regiões culturais subalternizadas nunca deixaram de existir; ao contrário, seguem se desenvolvendo e reinventando suas formas de dizer” (2021, p. 673). Apesar do desconhecimento e de uma produção às vezes ainda carente da maturação da escrita, esses textos são um reflexo de uma produção de massa, mas também de uma propagação cultural uma vez que o acesso é grande e principalmente por um público jovem. Apenas *Sangue Tupi* acumula mais de 24 mil visualizações e mostra a importância de analisar e conhecer essas narrativas que podem chegar a ter mais acessos que um livro de publicação formal.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da amazônia ou literatura amazônica? In: **Graphos** - Revista da Pós-Graduação em Letras - UFPB João Pessoa, Vol 6., N. 2/1, 2004 – p. 111-116

FURTADO, Marlí Tereza. Narrativas Amazônicas. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) Palavras da crítica**. Edições Macunaíma. Rio de Janeiro, 2021. p. 519 - 544.

JENKINS, Henry. **Piratas de Textos** - Fans, Cultura Participativa y Televisión. Traducción, Alicia Capel Tatjer. Espasa Libros, S.L.U., 2010.

LEÃO, Allison. CAMPOS, Sheila Praxedes Pereira. Regionalismo. In: JOBIM, José Luís; ARAÚJO, Nabil. SASSE, Pedro Puro (org.). **(Novas) Palavras da crítica**. Edições Macunaíma. Rio de Janeiro, 2021. p. 549 - 678.

NEVES, André de Jesus. **A Literatura Marginal na Internet: O Fenômeno Fanfiction como instrumento de Disseminação e Divulgação das/nas Margens. A invasão da cultura nos estudos de língua e literatura - Vol. 1, n. 1, jan./jun. 2011 (pg. 158 À 172)**

PENALVA, Kauana de Carvalho. FIGUEIREDO, Eurídice. Estereótipo e representação na amazônia brasileira. In: **Anais do IX SAPPIL - Estudos de Linguagem, UFF, nº 1, 2018 p. 574 a 584.**

SANTOS, Silmara Aparecida dos. RIBEIRO, Cláudia Maria. “‘Ele, o boto’: análises a partir da etnografia de tela. In: **Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade. (7. : 2018 : Rio Grande, RS)**

SPIRIT FANFICTIONS. À Luz do Luar. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/a-luz-do-luar-21766600>

SPIRIT FANFICTIONS. Sangue Tupi. Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/sangue-tupi-imagine-taehyung--bts-17278489>

CAPÍTULO III

NENÊ MACAGGI: DO NACIONAL AO REGIONAL

Elaine de Sousa Soares

RESUMO: Este trabalho investiga o processo de Consagração da escritora e jornalista Maria Macaggi, mais conhecida como Nenê Macaggi conceituado pelo sociólogo **Pierre Bourdieu** (2000, 2007), **Simioni** (2022) e **Lobo Júnior** (2014) com ideia de clientelismo. Portanto, buscaremos tratar da problemática de como se deu o processo de consagração no cenário clientelista em Roraima. Desejamos relata o trajeto de quando ficou conhecida como escritora da Literatura Brasileira, mas o destaque é reconhecimento como pioneira da Literatura Roraimense dentro do cenário político de Roraima, por isso, escolhemos utilizar como corpus recortes da revista e jornal, anterior e posterior ao seu estabelecimento em Roraima: O malho (RJ) do período entre (1930 - 1939) e o jornal Folha de Boa vista (RR) de (1980 - 1999).

PALAVRAS- CHAVE: Consagração. Nenê Macaggi. Clientelismo.

1.INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de investigar como ocorreu o processo de consagração da escritora e jornalista Nenê Macaggi. A escolha de analisar o processo de consagração da escritora só reafirma o valor de seu trabalho no cenário literário e jornalístico e apresenta inúmeras identidades que ela assumiu em sua vida. A mulher, escritora, jornalista, roraimense. No entanto, sabemos que são poucos os trabalhos que desenvolvem essa temática. Por isso, a importância de destacar o cenário nacional e regional roraimense no qual construiu sua carreira, transitando do centro para a margem. Em virtude disso, traçaremos alguns fatos que deram notoriedade à ilustre “Dama das Letras”.

Essa pesquisa investigativa utilizará alguns recortes de jornais selecionados do início da carreira e após a sua morte. Acreditamos que escolhemos os mais relevantes que, de certa forma, ajudarão a atestar o trajeto legitimador de Macaggi. A escritora Nenê Macaggi nasceu em 24 de abril de 1913, em Paranaguá, no Paraná. Era jornalista e escritora, iniciou sua carreira como escritora no Rio de Janeiro e escreveu os contos “Água Parada” (1933) e “Contos de Dor e de Sangue” (1935). Seu primeiro romance foi “Chica Banana” (1938). Veio para a região norte a convite do presidente Getúlio Vargas, na década de 40. Monteiro (2019) esclarece que ela veio à região norte para realizar atividades jornalísticas descritivas sobre os territórios federais da região, vinculadas ao então Sistema de Proteção ao Índio (SPI) (MONTEIRO, 2019, p.05).

Enquanto relatava as informações da região, residiu no Amazonas, mas ficou encantada pelo Estado de Roraima. Já no Estado de Roraima, em 1970, escreveu o romance “A Mulher do Garimpo” (1976), o primeiro escrito no Estado. O romance ficcional descreveu a identidade regional local. Também escreveu mais três outros romances: “Dadá Gema-da-Doçura-Amargura” (1980), “Exaltação ao Verde Terra-Água-Pesca” (1984) e “Nará-Sué Uarená” (2012). Eles são conhecidos por descrever a identidade regional de Roraima, e os

três primeiros são tratados como uma trilogia da história de Roraima. Cada um apresenta sua narrativa distinta, mas mantém o contexto histórico local.

2. CONSAGRAÇÃO

O processo de consagração de todo escritor demanda esforço e ajuda de outras instâncias para reafirmar o valor das produções. A carreira da escritora começou ganhando reconhecimento em sua cidade natal, Paraná, mas o prestígio nacional ocorre no Rio de Janeiro, o cenário perfeito para qualquer escritor que deseje alcançar reconhecimento nacional. O processo de consagração engloba várias instâncias, conforme trata Pierre Bourdieu (2000): revistas, jornais, leitores, universidades, bibliotecas, sites e escolas, que certamente ajudaram a consolidar esse processo de legitimação da escritora/jornalista ao longo de sua carreira. Para explicar sobre o assunto, apresentamos a definição de consagração do pesquisador Garson (2010), que afirma que “ato de consagrar é o próprio ato de construção da realidade como tal” (GARSON, 2010, p.04), ou seja, ele declara que quando escolhemos o objeto para o estudo estamos lidando com a realidade e a intenção do estudo de investigá-lo só reafirma a sua existência. Por isso vemos o crescimento da sua carreira por meio dos jornais e revistas, o lugar onde surgem as primeiras publicações que deram reconhecimento ao trabalho que ela estava desenvolvendo, além de ser uma forte instituição de consagração. Diante da visibilidade e do local de circulação, vemos os primeiros destaques de reconhecimento de suas obras como escritora.

Percebemos que quando se investiga o processo de consagração de um escritor, jornalista, ou qualquer outro ramo, descobre-se a dificuldade que tais profissionais tiveram em ganhar reconhecimento, que não foi de forma instantânea, demanda um certo esforço de outras áreas: política, educacional, financeira. Ou seja, quando se trata de escritores, deve-se levar em consideração as produções, que estão inseridas na etapa para a legitimação. Visto que o escritor depende de diversos fatores: leitores, críticos e meios de vinculação que a mídia proporciona para serem reconhecidos.

Por isso, o sociólogo Bourdieu (2007) explica que ocorre uma “estrutura das relações de força simbólicas” que são distintas conforme o período do tempo e a “hierarquia das áreas, das obras e das competências legítimas”. Ou seja, para cada época, obra, área, existe uma forma de serem legitimadas. Como descreve a seguir:

Tal estrutura inclui, entre outras, as seguintes relações a) relações objetivas entre os produtores de bens simbólicos, contemporâneos ou de épocas diferentes, cuja produção destina-se sobretudo a um público de produtores ou a um público estranho ao corpo de produtores e, por esta razão, estes produtores são consagrados em bases

iguais por instâncias desigualmente legitimadas ou legitimadoras; (BOURDIEU, 2007, p. 119).

Além disso, apresenta as relações de legitimação que podem ser objetivas, distintas e legitimadoras culturais que não podem desvincular-se do apoio simbólico do “grande público”. Bourdieu (2007) relatou sobre o “grande público” sendo responsável por ajudar a tornar muitas obras célebres. Foi em busca desse “grande público” que Mendonça (2018) relata que no final do século XIX e início do XX no Brasil, muitos escritores realizaram o trajeto que possibilitava o arranjo para aproximarem-se da maior quantidade de instâncias, pois o intuito era facilitar a consagração dos escritores. Os jovens escritores brasileiros perceberam que o Rio de Janeiro era o espaço propício para as investidas das instâncias de consagração, por isso muitos saíram de suas cidades com destino à “cidade grande”. Como relembra Mendonça, que explica o porquê do Rio de Janeiro se tornar o polo de atração dos jovens escritores:

O grande número de editoras, a intensidade da atividade jornalística e da crítica de rodapé, a criação de instituições literárias e organizações de escritores, a existência de várias rodas intelectuais, enfim, todas essas instâncias atuaram para que a então capital do país se tornasse um polo de atração. (MENDONÇA, 2018, p.11).

A escritora/jornalista Nenê Macaggi também foi atraída por esse trajeto, deixando o Estado do Paraná e seguindo a rota dos escritores até a capital do Brasil. Ao tratar sobre o conceito de consagração, percebemos que ao analisar uma mulher, possibilitará também observar a problemática que abrange o gênero. Vemos frequentemente que era associada à “literatura feminina” que ganhou notoriedade no início de sua carreira como escritora da literatura brasileira, como destaca a revista:

Calvino Filho editou o livro, dando-lhe um feitiço atraente. **As letras femininas brasileiras** estão de parabéns pela vitória do livro de Nenê Macaggi, a deliciosa escritora paranaense. (O MALHO,1933 p.24 grifo nosso.)-

Também veremos a dificuldade da consagração de mulheres intelectuais. Visto que analisaremos o processo de consagração de uma escritora feminina, pois são poucas as mulheres que alcançaram notoriedades dentro da sociedade entre as instâncias de renome, mas ambos os gêneros dependem dessas instâncias para reafirmar o seu lugar simbólico que circula seu trabalho.

Por isso, ao tratarmos do discurso de gênero da consagração da Nenê Macaggi, utilizaremos a pesquisa Mulheres Modernistas: Estratégias de Consagração na Arte Brasileira a pesquisadora Simioni (2022) apresentou um exemplo claro que ocorreu no Brasil, no período do modernismo dentro do cenário das artes, mulheres talentosas e renomadas foram colocadas em lugar de esquecimento por longos anos. Simioni (2022) apresenta que ocorreu com as artistas Tarsila do Amaral e Anita Malfatti, ambas em 1910 e 1920 foram

denominadas as pioneiras do período do modernismo no Brasil, no entanto passaram por momentos difíceis, de certa forma injustiçadas pelo processo, os legitimadores internacionais e nacionais abusaram do poder simbólico, controlaram as ações no âmbito pessoal e político e apresentaram preconceito que envolvia o gênero feminino.

Por isso, prejudicou o processo da consagração dessas mulheres que atualmente receberam seu devido prestígio. A pesquisadora Simioni (2022) explicou que a dificuldade vivenciada no Brasil virou notícia conhecida no exterior como destaque que receberam o adjetivo para mulheres que estavam buscando seu lugar simbólico na arte como as “heroínas solitárias”. A desigualdade de reconhecimento pesa quando se trata de mulheres, visto que em contrapartida os homens são maioria, aparentemente têm mais facilidade de serem reconhecidos pelas instâncias renomadas, como a instituição Academia de Letras Brasileira que possui um poder simbólico da dominação masculina como ideia apresentada pelo sociólogo Bourdieu (2012), ele também apresenta a relação da violência simbólica, que não é uma violência física, mas psicológica e ideológica que muitas escritoras vivenciaram, acreditamos que no Brasil, a busca pelo reconhecimento da literatura brasileira tardou, e faltou a valorização das mulheres escritoras e artísticas nas artes. Lembrando que só em 1977 a Rachel de Queiroz tornou-se a primeira escritora a ocupar uma cadeira na academia, data memorável, mas tardia e ainda não representa todas as mulheres escritoras que possuem notoriedade e possuem também obras brilhantes produzidas no Brasil.

Não devemos desconsiderar também que o Poder simbólico do cenário político, foi um dos motivos de dificuldade de legitimar as artistas brasileiras, por isso levaremos em consideração a ideia do pesquisador Lobo Júnior (2014) Formação e reorganização dos grupos políticos do estado de Roraima: 1943 a 1988. Ele apresenta como a região é controlada pelo processo do clientelismo dos governos que controlam seus eleitores por meio da troca de favores. É nesse meio de corrupção de troca de favores que vemos uma mulher recebendo reconhecimento por meio de sua escrita. Por tanto utilizaremos esse trabalho com a intenção de investigar quem são os responsáveis em legitimar o seu lugar de pioneira da literatura roraimense no Estado.

3. CENÁRIO NACIONAL

O processo de consagração ocorre de forma gradativa, porque o alcance do reconhecimento depende de instituições que possuem determinado poder para realizar tal ação. A escritora/ jornalista recebe reconhecimento inicialmente como escritora ao lado de sua irmã

Ada Macaggi. Uma de suas primeiras entrevistas no **Diário de Notícias** do Rio de Janeiro em 1931:

São duas escriptoras paranaenses. Ada Macaggi, autora de um lindo livro de versos, "Vozes Ephemeras vae fazer uma audiçãõ de poesias suas muito breve, em Petropolis. Antes, porém, Ada Macaggi declamará, no studio Nicolas, algumas poesias suas, em uma reunião intima **Nenê Macaggi é prosadora**, sendo já conhecidos os seus contos chelos de beleza, publicados em Curityba. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1931, p. 06 grifo nosso).

Começou a ganhar prestígio como escritora e jornalista pelas suas publicações de contos, crônicas e reportagens que foram divulgadas em jornais, revistas, no cenário nacional, na capital do Brasil. Onde inicia seu processo de reconhecimento com ajuda dos jornais de circulação da época. Após a publicação de sua obra de contos **Água Parada** (1933) vemos seu reconhecimento como escritora aparecendo, como ocorreu na publicação da revista **O Malho** (1933).

Calvino Filho editou o livro, dando-lhe um feitiõ attrahente. **As letras femininas brasileiras** estão de parabéns de pela victoria do livro de Nenê Macaggi, a deliciosa escriptora paranaense. (O MALHO, 1933 p.24 grifo nosso.)

No trecho acima vemos que Calvino Filho, jornalista e escritor enfatiza a importância da escrita de uma mulher na Literatura brasileira, além disso, o jornalista aponta a origem da escritora como destaque da qualidade da escrita que surgiu dessa região.

Outro fato importante realizado pela revista O malho (1936) reivindica o lugar da mulher na literatura e na arte brasileira, tornou-se umas das primeiras instâncias questionar por que nenhuma mulher ainda teria entrado para Academia Brasileira de Letras? Ou por que não tinha uma cadeira com uma mulher ocupando tal lugar? Para a revista era claro que não seria por falta de candidata que atendesse aos critérios da Academia, mas deve-se por subestimar o gênero feminino, pois consideravam "sexo frágil e incapacitado" que motivava tal esquecimento. Atentemos para explicação da Academia divulgado pela revista:

A expressão: "**só podem ser membros effectivos da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos generos de literatura, publicado obras de reconhecido merito**" tinha uma significação que hoje já não pode ter mais. Temos que entender, hoje, aquella phrase, com maior largueza. A mulher realizou, em todos os terrenos, as mais bellas conquistas, e justo será que se lhe reconheça o direito á immortalidade, o direito, senão o dever mesmo, de levar ao Petit Trianon o brilho de sua collaboraçãõ. Por pensar assim é que **O MALHO** resolveu promover a campanha pela entrada da mulher para a Academia de Letras. (REVISTA O MALHO, 1936, p.12 grifo nosso).

Com o intuito de pressionar a Academia, a revista levantou o plebiscito interno que sai nas páginas da revista, "Levemos a mulher à Academia de Letras!" (O MALHO, 1936, p. 20-21).

Desse modo, alertavam os leitores da falta de reconhecimento por parte de uma instância de grande visibilidade, o propósito é claro apresentar aos leitores as candidatas, e

denunciar a negligência do abandono da Academia Brasileira de Letras, era visível o posicionamento da revista como ato de resistência a favor do discurso de gênero.

O discurso da Academia defendia era de desmerecimento para não aceitar uma mulher na cadeira da Academia veja: “só podem ser membros efetivos (sic) da Academia os brasileiros que tenham, em qualquer dos gêneros de literatura, publicado obras de reconhecido mérito” (REVISTA O MALHO, 1936, p.12). A revista aponta que a frase classificava e separava as obras por gênero, visto que só seriam consideradas boas as que já tivessem alcançado algum “mérito”, ou seja, de certa forma diminuía as obras das escritoras femininas da literatura, pois a partir desse discurso reafirmava que as mulheres não tinham seu lugar na Academia por falta de boas obras para alcançar tal mérito.

A busca pelo reconhecimento por parte de uma das maiores instâncias no cenário nacional e reconhecimento internacional era notória, a revista por meio do plebiscito acionava mais uma forma de consagração, ao apresentar ao público leitor as mulheres escritoras brasileiras. Entre as mulheres que foram indicadas pela revista O Malho (1936) a escritora aqui analisada também fazia parte desse pleito entre outras de conhecimento nacional: Nenê Macaggi, Ada Macaggi, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz e muitas outras do âmbito nacional. Apesar de todo esse alvoroço realizado pela Revista, pelo plebiscito muitas outras mulheres foram indicadas e votadas. Apesar da intervenção da revista nada foi atendido naquele ano.

Observamos que O Malho (1936) denunciou a falta de mulheres reconhecidas no cenário nacional, no lugar de predominância do gênero masculino, já era considerado trajeto de resistência, além disso, tratamos sobre a dificuldade em ter um espaço literário e artístico sendo mulher, apresentado na pesquisa *Mulheres Modernistas: Estratégias de Consagração na Arte Brasileira* de Simioni (2022) apresentou a ideia de gênero que trata mulheres no cenário artístico, e relatou a dificuldade que elas enfrentaram.

Para as artistas mulheres, a condição biológica de pertencer ao sexo feminino, visto então como um “outro”, tornava-se um marcador da diferença inescapável. A anatomia impunha um conjunto de expectativas sociais normativas perpassadas por ideia de feminilidade que estavam em franca oposição às simbologias definidoras do artista moderno. Constituir uma carreira de artista moderno no feminino era um desafio, quase um paradoxo. Pressupunha que as artistas fossem capazes de se afastar dos sentidos atrelados ao termo “arte feminina”, associada então ao amadorismo e ao diletantismo (...) (SIMIONI, 2022, p. 23).

A pesquisadora Simioni (2022) apontou os posicionamentos de mulheres daquela época. As mulheres sentiam um certo desconforto ao serem denominadas artistas brasileiras “femininas”; ou seja, vez ou outra, suas obras eram consideradas inferiores em contraste com as produções dos artistas masculinos. Simioni (2022) declara que não foi fácil o processo de

consagração no cenário modernista das artistas brasileiras como Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. O contexto histórico também atrapalha o reconhecimento de obras femininas devido a dois períodos importantes no Brasil: o Estado Novo (1930 - 1945) e o Regime Autoritário (1964 - 1973). A pesquisadora lembra que artistas como Cândido Portinari logram êxito pelo apoio da intervenção de críticos internacionais, como relata Simioni (2022).

A construção da coleção se deu num momento político-cultural **no plano externo, caracterizado pela Política de Boa Vizinhança, em que Estados Unidos procuraram estabelecer boas relações com países latino- americanos, inclusive no plano cultural, com vistas a firmar sua posição de liderança nas Américas.** (SIMIONI, 2022, p. 242 grifo nosso).

Foi em meio dessa intervenção que vimos intrigas políticas que favoreciam muitos artistas modernistas, mas ficou evidente a atuação internacional, que ocorreu no Brasil com uma desculpa de “Boa Vizinhança” para exportar materiais artísticos de artistas brasileiros em um período político delicado no país.

Simioni (2022) relata sobre a dificuldade que os artistas de maior prestígio do país vivenciaram naquele período. Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, foram privadas no processo de legitimação, não estavam entre os artistas, sendo assim, ocorreu certo atraso do reconhecimento por parte dos responsáveis de legitimação vinda do exterior. Simioni (2022) apresenta os principais artistas selecionados para agregar legitimação internacional:

Naquela ocasião, 24 produções assinadas por artistas brasileiros foram incorporadas à instituição. No período de 1939 a 1949, foram adquiridas obras de Candido Portinari (treze telas), Maria Martins (duas esculturas e uma gravura), Lasar Segall (duas pinturas), Alberto da Veiga Guignard (uma tela e um estudo), José Bernado Cardoso Jr (uma tela), Tomas Santa Rosa (uma gravura) e Heitor dos Prazeres (uma tela). Como se percebe, a lista não inclui Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, que hoje seriam obrigatórias em qualquer coleção dedicada ao Modernismo. (SIMIONI, 2022, p. 242).

Vemos as dificuldades no cenário artístico no Brasil para elas, pois as instâncias mais relevantes eram as internacionais. Tal processo só demonstra que ser mulher, que desenvolvia arte no período opressor, sofriam para alcançar destaque, a necessidade de provar a qualidade de seus trabalhos transitava entre as intrigas políticas que controlavam as forças simbólicas que Bourdieu (2000) tratava em *O poder simbólico* (2000). As lutas de mulheres de renome no período de ditadura demonstram o quanto foi difícil alcançar visibilidade com obras que eram analisadas e selecionadas para serem publicadas naquele período opressor da história brasileira.

No processo de consagração contínua por meio de reconhecimento do público e instâncias nacionais, a revista *O malho* (1936) reafirmou que a obra *Contos de dor e de sangue* (1935) ganha espaço no cenário literário brasileiro, além de receber elogios por suas obras, mais uma vez favorecendo o processo de consagração da autora, como vemos a seguir:

Nenê Macaggi é um nome victorioso das letras femininas do Brasil, (...). A sua técnica, a sua predileção pelas intrigas fortes, pelos desfechos violentos, a naturalidade dos diálogos, o vigor da pintura que se revela nos pequenos pormenores de cada cena dão um sabor especialíssimo aos seus contos. Bem cedo, o seu nome se tornou famoso entre o elenco de escritoras brasileiras. Eis porque o seu novo livro “Contos de Dor e de Sangue” já se publica victorioso (REVISTA O MALHO, 1936, p. 32 grifo nosso).

A qualidade de suas obras é inquestionável, como apresentado anteriormente, possuindo uma escrita com técnica e predileção pelas intrigas fortes. Por isso, acreditamos que a escritora também sofreu seus percalços. Ela não sabia que se tornaria a Dama das Letras ou que também ganharia reconhecimento no Estado. Porém, Roberto Mibielli (2020) declarou a importância de sua trajetória: “primeira mulher, primeiro romance roraimense, garimpeira”. Ela literalmente deixa sua terra natal para se embrenhar na Amazônia. Por isso, ao longo de sua carreira, Nenê recebe elogios e adjetivos que associam sua escrita à coragem de conseguir descrever a Amazônia por meio da escrita, como veremos a seguir.

4. CENÁRIO REGIONAL

A escritora ganhou notoriedade no âmbito nacional, mas sua carreira será totalmente mudada e reconhecida no cenário regional, em Macaggi, quando muda para região norte, realiza algo diferente comparado aos demais escritores. Nenê estava fazendo um trajeto inverso, ou seja, ela estava na contramão de um escritor que desejava alcançar consagração nacional, deixando o centro com destino a um lugar remoto, praticamente inexplorado.

Chiappini (1995) explica em seu ensaio “Do Beco ao Belo: Dez Teses Sobre o Regionalismo na Literatura” que a crítica literária acreditava que se um escritor regional fosse considerado bom, poderia ser elevado ao patamar de universal. No entanto, para tais críticos, existe uma comparação preconceituosa que desconsiderava os escritores regionais, apresentando uma separação de dois grupos de escritores “os bons e os ruins”. A jovem escritora, ao tratar do lugar Roraima, ajuda a contribuir para construir uma identidade regional, saindo do estilo que ela desenvolvia no âmbito nacional, que também ganhou destaque pela sua escrita ser parecida com o movimento artístico Simbolismo, até ser comparada com a escrita de Edgar Allan Poe. Por isso, os jovens escritores saem dos lugares mais remotos com destino à “cidade grande”, com a intenção de alcançar reconhecimento, usufruindo do lugar que proporcionava inúmeros ambientes próximos dos críticos literários e do “grande público”, como trata Bourdieu (2007). A jovem Nenê, após aceitar o convite de descrever a região norte, solicitada pelos representantes políticos que incentivam o discurso da “marcha para o oeste”, o movimento nacionalista do governo de Getúlio Vargas, como afirma Arrais em sua pesquisa:

A centralização do poder foi uma marca acentuada do governo de Getúlio Vargas nos anos que antecederam ao Golpe de 1937. No Estado Novo essa característica intensifica-se, somada a um nacionalismo exacerbado. (ARRAIS, 2006, p.04)

O governo nacionalista tinha necessidade de apresentar o norte para demais regiões. E selecionou Nenê jornalista para descrever a região. A mudança da escrita é visível saindo do Simbolismo para Regionalismo, por isso, suas novas obras apresentavam a temática: o garimpo, flora, fauna e conflitos entre os índios e imigrantes Fraga e Lima (2019) descrevem que as obras regionais da escritora apresentam uma certa dualidade:

Nenê Macaggi assentam-se em ambiguidades: de um lado exaltam o verde, os mitos, as belezas naturais da região, do outro retratam os conflitos sociais entre o indígena e os imigrantes, e ainda revelam as pragas, as doenças que permeiam a floresta amazônica (FRAGA e LIMA, 2019, p.22)

Naquela época, Nenê Macaggi também esteve à frente da delegacia especial dos Índios do Rio Branco a intenção da escritora era defender os nativos. Como lembra e lembra Almada (2015):

Nenê Macaggi passou quatro anos como Delegada Especial dos Índios do Rio Branco, quando teve, então, a oportunidade de realizar o desígnio de viajar pela Amazônia e de conhecê-la de perto e em profundidade; também teve a oportunidade de conviver com os povos indígenas da região e, ainda, de lidar com a realidade do garimpo, um universo marcadamente masculino(...) (ALMADA, 2015, p.49).

No entanto, na dissertação “Sem Pena e sem Cocar: Configurações do Índio na obra de Nenê Macaggi de Santos” (2018), critica-se, por meio de sua análise, o romance “A mulher do Garimpo” (1976), uma obra que descreveu o lugar pelo olhar do outro. Mas Santos (2018) acreditava que a escritora era representante da elite local, “fazendeiros e funcionários públicos”, e não estaria representando os moradores. Santos (2018) defendia ser contraditório a escritora descrever o índio de forma negativa, atribuindo adjetivos como preguiçosos, enquanto era responsável por cuidar e proteger os nativos. Além de atribuir adjetivos descritos em seu romance como preguiçosos, defendia o discurso de que “os índios deviam ser amigos dos brancos”, uma fala parecida com a de um colonizador.

A Mulher do Garimpo, há um trecho no qual o narrador afirma que os índios precisam ser “amigos” dos brancos. Desse modo, notamos o discurso do colonizador na escrita de Macaggi. Portanto, verificamos a insinuação de que os índios têm de obedecer aos brancos, como nos primórdios da colonização, quando eles eram escravos sem voz, sem direitos e sem nenhuma autonomia. (SANTOS, 2018, p.33).

As obras apresentam o cenário regional, mas existem leitores apoiadores e opositores, como vimos anteriormente, o que, de certa forma, possibilita novos olhares, crítica e conhecimento para novas discussões. Como ocorre no artigo “Das intenções Geniais Aos Contextos Literários Reais: Um Breve Percurso das Noções de Autoria e Recepção” do pesquisador Roberto Mibielli (2020), que aponta breve reconhecimento da inteligência de Nenê Macaggi,

além de enaltecer a importância de suas obras. Era uma mulher jovem, bonita, que veio para a Amazônia e tornou-se garimpeira.

(...) torna-se a **primeira dama da literatura roraimense** ao publicar, em 1976, o Romance A Mulher do Garimpo. **Primeira escritora a publicar no estado, primeiro escritor a publicar um livro literário no estado, primeira romancista a publicar no estado, e um romance de alguém que esteve efetivamente no garimpo.** No garimpo! Mulher, solteira... Na Amazônia inóspita e exótica. Candidata à genialidade? O romance A Mulher do Garimpo, por ser escrito em meados dos anos 70 do século XX, não difere muito das técnicas de composição vigentes então. Colagem de estilos e textos, o romance congrega informações de almanaque sobre a Amazônia (volume de água dos rios, dimensões territoriais, curiosidades...) com enredos já conhecidos da tradição literária brasileira. (MIBIELLI, 2020, p. 99-100 grifo nosso).

Vemos os opositores que demonstram com provas que Nenê Macaggi foi preconceituosa, mas devemos levar em consideração o período histórico e evitar realizar anacronismo. Visto que ela estava apresentando fatos do que via e descrevia aos seus leitores. Além disso, também pudemos perceber a valorização que Roberto Mibielli (2020) apresentou à coragem da escritora em escolher o lugar Roraima para ser a primeira escritora, o primeiro romance escrito, do/no Estado.

Mas o reconhecimento apresentado por Roberto Mibielli (2020) é estratégico, ele sabe da falta de reconhecimento que essa autora vivencia. Por intermédio da pesquisa intitulada “A Questão do Regionalismo em a Mulher do Garimpo, de Nenê Macaggi de Almada (2015), percebemos a dificuldade da circulação das obras de Nenê no Estado. Visto que naquela época, eram poucos os grupos que pesquisavam sobre as obras da autora, ou seja, as obras de Nenê tinham pouca visibilidade. Almada (2015) afirmou também que as obras não transitavam entre o âmbito escolar, acadêmico ou entre o público em geral. Percebemos que isso dificulta a consagração da escritora que possui obras significativas para o processo de construção identitária local, porém pouquíssima circulação.

No entanto, após a morte da escritora, ocorreu uma movimentação suspeita por meio do cenário político. Almada (2015) declara que em março de 2003, em Boa Vista, RR, repentinamente, surgiu um grande interesse pela divulgação por parte “dos órgãos responsáveis pelo planejamento e pela condução das políticas oficiais de cultura do Estado, de impor à opinião pública a consciência da figura de Nenê Macaggi para a cultura e para a literatura roraimense” (ALMADA, 2015, p. 10). Almada (2015) criticou o posicionamento dos órgãos culturais que, em vez de incentivar a leitura das obras, estavam mais preocupados em legitimar a autora como uma heroína. Segundo Almada (2015), a imagem da pessoa Macaggi foi prioridade entre os órgãos, ao ponto de receber o privilégio de ter seu nome inserido em um prédio público, como ocorreu com o Palácio da Cultura. A pesquisa de Almada (2015) percebe que existe um favorecimento para a pessoa, Nenê Macaggi; de certa

forma, as obras ficaram esquecidas. A pesquisadora critica a falta de compromisso com as obras de Nenê, que têm grande relevância para a literatura e para o cenário identitário do Estado de Roraima.

5. CLIENTELISMO

A partir da movimentação rápida por parte da política local apresentando interesse em torná-la uma heroína no Estado, buscamos entender esse processo pelo olhar do clientelismo. Lobo Junior (2014) apresentou o sistema de corrupção que se instalou no Estado de Roraima. Segundo o pesquisador, no Estado de Roraima o clientelismo está baseado em “trocas de favores, os objetivos são ganhos pessoais, que podem ser distribuídas em forma de empregos, cargos comissionados ou de confiança, secretaria do estado e prestações de serviços terceirizados” (Lobo Junior, 2014, p. 22).

Visto que o clientelismo tinha ação de controlar os eleitores como clientes por meio do carisma dos políticos que estavam à frente do governo no Estado, Nenê Macaggi ganhou notoriedade por meio dos políticos que atuaram nesse sistema de corrupção, como instâncias que ajudaram a consagrá-la estavam associadas ao sistema de clientelismo no Estado. Existiam grupos de políticos que comandavam o Estado, como lembra Furlan (2014), Ottomar de Sousa Pinto, Neudo Ribeiro Campos e Romero Jucá, que controlavam municípios inteiros, mas destacando dois governadores que ajudaram Nenê Macaggi a receber reconhecimento pelo seu trabalho. O governador Ottomar de Sousa Pinto, o mais querido entre a população mais carente, visto que foi responsável por ajudar muitas famílias a conquistar a casa própria. Veja o que Furlan descreve:

(...) o brigadeiro Ottomar Pinto, quatro vezes governador de Roraima, é considerado até hoje o maior líder carismático de Roraima, tendo em vista suas ações de incentivo a migração e aos produtores rurais; suas obras de infraestrutura como a construção de estradas, pontes e prédios públicos que acomodaram os poderes estaduais; as inúmeras obras em favor do lazer, da educação (nos níveis fundamental, médio e superior) e saúde que desenvolveu na capital e no interior; bem assim a criação de bairros e construção de residências objetivando alocar a população e de baixa renda. (FURLAN, 2014, p.130 grifo nosso).

O governador Ottomar doava casas em seu governo, além de estar presente em datas comemorativas na capital e no interior. Um exemplo claro de seu “carisma” acontecia na época da Semana Santa, que representava a data mais aguardada pelos seus eleitores, visto que, nessa ocasião, ele enviava caminhões de peixes para lugares estratégicos, permitindo à população ter um “almoço” verdadeiramente cristão. Vale ressaltar o apreço de Nenê pelo governador, que em uma de suas obras regionais, “Dadá-Gemada Doçura Amargura” (o romance do fazendeiro roraimense) (1980), Ottomar de Sousa Pinto e o secretário de pla-

nejamento, Dr. Getulio Alberto de Souza Cruz, foram homenageados. Além disso, na obra, também é descrito o cenário regional e abordada a reserva Raposa Serra do Sol, bem como a convivência entre índios e brancos. A personagem defende o posicionamento de Ottomar:

“- O Roraima é muito grande tem terra para todos, não é preciso os padre da CIMI metê o bico, açulando os índio contra o branco, caluniando **o nosso Governador Ottomar que nunca perseguiu nem índio nem branco**”. (MACAGGI, 1980, p. 256 grifo nosso).

Também foi responsável por construir o Palácio da Cultura em 1992 e colocou o nome de Nenê Macaggi. O prestígio que o governador possuía, tanto através do poder simbólico no âmbito político quanto pelo “grande público”, também se tornou uma instância legitimadora. Porém, o jornalista Cândido (2022) lembra que no mesmo ano um deputado pediu que se retirasse o nome da escritora, pois era ilegal nomear um prédio público quando o homenageado ainda estivesse vivo. Segundo o jornal Folha de Boa Vista (2022), ao retirar o nome de Nenê Macaggi, infelizmente isso acabou fragilizando a saúde da escritora. Mas em março de 2003, com o falecimento da escritora, outro governador ajudou a consolidar a consagração da Dama das Letras, Flamarion Portela, em 2004.

Depois do falecimento de Nenê Macaggi, em 04 de março de 2003, o Conselho de Cultura solicitou que fosse redenominado o Palácio da Cultura com o nome de Maria Macaggi (Nenê Macaggi), sendo atendido pelo governador, à época Francisco Flamarion Portela, através do Decreto Estadual nº 5.975-E, de 27/09/2004. (FOLHA DE BOA VISTA, 2022)

Ele também era querido pela população/clientes, mas no mesmo ano foi cassado em novembro de 2004 pelo Tribunal Eleitoral de RR por compra de votos. Ele também participou do esquema mais clientelista corrupto que houve em Roraima em 2001, o “Escândalo dos Gafanhotos”. Foi em meio à corrupção e a uma política clientelista que surge Nenê Macaggi, a “imagem de heroína”, visto que o Estado ficou conhecido pela compra de votos na história brasileira. Por isso, a pesquisadora Almada (2015) acreditou que a escolha do nome da escritora no Palácio da Cultura foi um ato estratégico que ajudou a construir uma identidade regional para o Estado. Acreditamos que, utilizando um nome conhecido pela elite regional, seria possível apagar o cenário negativo criado pelos políticos corruptos do Estado. Além disso, seria positiva a consagração de seu nome no Palácio da Cultura, o que reafirma sua grandeza literária e ganha reconhecimento pelo governo, aumentando o favoritismo do Estado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos possibilitou acesso a muitos documentos relacionados à escritora Nenê Macaggi, porque escolhemos utilizar uma investigação por meio da Hemeroteca, um

reservatório de documentos que possuía jornais, artigos, revistas entre outros arquivos. Tentamos apresentar o processo de consagração da escritora, que ocorreu do nacional para o regional, além da dificuldade de uma mulher alcançar notoriedade na literatura feminina, e como foi consolidada sua consagração entre os políticos do Estado, que eram conhecidos por praticar uma política clientelista.

REFERÊNCIA

ÁGUA PARADA. O Malho. Rio de Janeiro. 02 NOV DE 1933. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=NEN%C3%8A%20MACAGGI&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=79093>> 03 de março de 2022

ALMADA, Silvia Marques. A Questão do Regionalismo em a Mulher do Garimpo, de Nenê Macaggi. UFRR. 2015.

ARRAIS, Matheus Eurich. A Marcha Para O Oeste E O Estado Novo: A Conquista Dos Ser-tões. Brasília/DF 2016.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. 3ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

_____, A economia das Trocas simbólicas. São Paulo. Perspectiva. 2007.

CASSIANO, Luiz de Carvalho. Marcha para Oeste: um itinerário para o Estado Novo (1937-1945). 2002. Dissertação (Mestrado em História) UnB, Brasília, 2002.

CASSIANO, Ricardo. 1970. A Marcha para o Oeste. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. 9ª ed. Editora Ouro sobre o Azul, Rio de Janeiro. 2006.

CÂNDIDO, Francisco. **Nenê Macaggi - A Grande Dama De Roraima Nas Letras** 04 DE NOV DE 2022 <<https://folhabv.com.br/coluna/NENE-MACAGGI--A-GRANDE-DAMA-DE-RORAIMA-NAS-LETRAS/14885>> Acesso em: 22 de novembro. de 2022

CHICA BANANA, O malho. Rio de Janeiro. 24 de novembro de 1938 disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&pesq=nen%C3%AA%20macaggi&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=90078>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022

CHIAPPINI, Ligia. *Do beco ao belo: Dez Teses Sobre o Regionalismo na Literatura*. Estudos Histó-ricos, Rio de Janeiro. Vol.8 n15. 1995. p. 153-159.

FRAGA, Rosidelma Pereira; LIMA, Danielle dos Santos Pereira. Regionalismo e Comunida-de imaginada na obra da roraimense Nenê Macaggi. Revista Ambiente, Gestão & Desenvol-vimento. Volume 12, n 01, jan/jun 2019.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi;

FURLAN, Rodrigo Cardoso. As Transferências De Domicílio Eleitoral Em Roraima E A Interferência Nas Eleições Municipais De 2004, 2008 E 2012, (UFRGS) 2014.

JOBIM, José Luís. (Novas) Palavras da Crítica [livro eletrônico] / Organizadores José Luís Jobim, Nabil Araújo, Pedro Puro Sasse. – Rio de Janeiro, RJ: Edições Makunaima, 2021. p. 649-678.

LITERATURA FEMININA. O Malho, Rio de Janeiro, 1936. 23 de jan de 1936. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=NEN%20c3%8a%20MACAGGI&pagfis=84346> >.03 de março de 2022

LIVROS NOVOS, Revista da semana. Rio de Janeiro. 13 de janeiro de 1934. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=025909_03&pesq=nen%-C3%AA%20macaggi&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=9097 > 03 de março de 2022

LEVEMOS A MULHER À ACADEMIA DE LETRAS! O malho, Rio de Janeiro. 20 de agosto de 1936. p, 20-21<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=NEN%20c3%8a%20MACAGGI&pagfis=85727>>. Acesso em: 20 de jun. de 2022.

_____. O malho, Rio de Janeiro. 14 de jan de 1937 disponível em<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116300&Pesq=NEN%20c3%8a%20MACAGGI&pagfis=86755>>. Acesso em: 10 de agosto. de 2022

LOBO JÚNIOR, Manoel Ribeiro. Formação e reorganização dos grupos políticos do estado de Roraima: 1943 a 1988. *UFRR*, 2014.

MACAGGI, Nenê. Dadá Gemada-Doçura-Amargura (O romance do fazendeiro roraimense) Manaus: editora não especificada. 1980.

_____. A Mulher do Garimpo – Romance do Extremo Norte do Amazonas. Manaus: imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1976/ Boa Vista: gráfica 2012 (2ª edição).

_____. Dadá gemada Doçura Amargura (O romance do fazendeiro roraimense).1980

MENDONÇA, Wellington Pascal de. A Consagração de Graciliano Ramos. USP. 2018.

MONTEIRO, H. M. V. Narrativas dos moradores da Terra Indígena do Alto São Marcos-RR: Diálogos nas fronteiras do cotidiano escolar. 2013, 111p., Dissertação (Mestrado em Educação) PPGE, Universidade de Sorocaba. São Paulo, 2013.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. Revista de História das Ideias. *Fronteiras da ficção*. Diálogos da história com a literatura *ficção*. Imprensa da Universidade de Coimbra Vol. 21.2000.

ROBERTO MIBIELLI, Das Intenções Geniais aos Contextos Literários Reais: Um Breve Percorso das noções de Autoria e Recepção Rev. Bras. Lit. Comp. Niterói, v. 22, n. 39, pp. 85-101, jan. /abr. 2020

SILVA, Mirella Miranda de Brito. Da Margem à periferia: a centralidade de aspectos da identidade amazônica na literatura de/em Roraima. UERJ. 2016

SIMIONI, Ana Paula Calvacanti. Mulheres Modernistas: Estratégias de Consagração na Arte Brasileira. São Paulo. Editora da USP, 2022.

CAPÍTULO IV

O ESPECTRO EDIPIANO DE FRANZ KAFKA À LUZ DA PSICANÁLISE EM A METAMORFOSE

Hêndria Barata de Moura

RESUMO

Este artigo tem a pretensão de discorrer acerca das relações entre Franz Kafka e os seus pais e os seus reflexos na constituição familiar de Gregor Samsa, o protagonista da obra literária *A metamorfose*, e os seus genitores. Como parametrização do escopo familiar contido, tanto na realidade quanto no universo ficcional da obra do escritor tcheco, tem-se o complexo de Édipo, um fenômeno em que o indivíduo tem um grande sentimento, que beira, muitas vezes, o romântico, para com a mãe e, em contrapartida, uma visão odiosa e hostil para com o pai. Essa repulsa paterna, aos olhos psicanalíticos, têm uma origem: a infância. Deste modo, por meio de reflexões acerca da realidade da família Kafka, a compreensão do modo de relacionamento da família Samsa será colocada, à luz das relações edípicas, como objeto de análise. O resultado da pesquisa aponta que a realidade vivida pelo escritor, assim como toda a carga de subjetividade experimentada, foi um elemento crucial para que a sua literatura absorvesse os elementos biográficos do artista.

Palavras-chave: A metamorfose. Complexo de Édipo. Kafka. Literatura. Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

O escritor tcheco Franz Kafka (1883-1924), um dos mais emblemáticos artistas do século XX, responsável pela criação de obras icônicas como *A metamorfose* (1915), *Um médico rural* (1918), *O processo* (1925) e *Carta ao pai* (1952), demonstrou ser um entusiasta dos ensinamentos psicanalíticos de Sigmund Freud, apesar de acreditar que as adversidades oriundas da existência humana não tinham nenhum tipo de cura. Assim como vários escritores de notório e elevado nível cultural, Kafka se considerava o seu próprio psicanalista e a ação efetiva de fazer literatura era o seu dever de analista e analisado.

De acordo com o artista, todas as suas narrativas tinham como propósito retratar os conflitos com o próprio pai, um elemento de forte subjetividade que ele considerou ser o tema primordial para os seus romances (JANOUCHE, 2009). Se as feridas expostas e ainda pulsantes em Kafka, em função de suas relações conflituosas com o pai, foram motivações declaradas para a criação diegética de suas histórias, é possível perceber que os sentimentos de repugnância e mágoa paterna estão presentes em muitas de suas obras, incluindo aquela que é considerada por muitos críticos a sua mais importante produção: *A metamorfose*.

Em *A metamorfose*, Kafka elaborou uma alegoria em que o seu protagonista, Gregor Samsa, um típico integrante de uma sociedade injusta, explorada inexoravelmente por um capitalismo implacável, responsável pelo sustento de mais três familiares desempregados, sofre uma transformação ao longo da noite e se vê na forma de um inseto asqueroso, o que causa a piedade e a compaixão de seus familiares, exceto do pai.

Sobre as tensas relações entre pai e filho, vividas pelo autor tcheco, que diretamente influenciaram e inspiraram a elaboração social familiar entre os seus personagens e os seus

genitores, este estudo apresenta a seguinte pergunta de pesquisa: “como a relação de Franz Kafka com o seu pai influenciou na estrutura edipiana da família Samsa, na obra literária *A metamorfose*”?

O estudo traz consigo alguns objetivos, sendo o principal: compreender, à luz psicanalítica, as relações que, entre Kafka e o seu genitor, influenciaram nas ligações familiares e ficcionais entre o pai e o filho na família Samsa. Os objetivos específicos são: compreender os fundamentos psicanalíticos do complexo de Édipo, analisar a estrutura familiar no que concerne às relações materna e paterna de Franz Kafka e apreciar fragmentos de *A metamorfose* sob um olhar psicanalítico.

A pesquisa será pautada no viés qualitativo, de cunho bibliográfico, cujos objetos de análise e reflexão serão colhidos em livros, artigos, periódicos físicos e virtuais, dissertações e teses acerca da temática.

2. O COMPLEXO DE ÉDIPO NA ESTRUTURA PSÍQUICA DOS INDIVÍDUOS

A narrativa intitulada *Édipo Rei*, de Sófocles, é considerada por Aristóteles a maior tragédia já elaborada para o teatro grego, mesmo alcançando a segunda colocação quando apresentada em um concurso teatral ateniense (VIEIRA, 2009).

A história trágica de Édipo faz parte do conjunto de histórias fantásticas que integra a mitologia grega e teve várias versões apresentadas por inúmeros escritores e contadores de histórias ao longo dos séculos, mas foi com Sófocles que a triste saga do personagem alcançou níveis mais elevados de conhecimento e fama.

O prólogo da história envolve os pais de Édipo, o rei Laio e a rainha Jocasta, de Tebas, que recebem do Oráculo de Delfos uma triste profecia: Laio seria assassinado pelo seu próprio filho e Jocasta tornar-se-ia a sua esposa. Assustados, eles decidem entregar o príncipe Édipo a um serviçal, e a ele ordenam que dê um fim à vida da criança. Desobediente, o servo decide prender o garoto em uma árvore localizada entre Tebas e Corinto, onde é encontrado e adotado pelo Rei Pólipo, senhor da região.

Crescido, o jovem Édipo decide visitar o Oráculo de Delfos e ouve a mesma profecia ouvida anos atrás pelos seus pais biológicos. A referência familiar que Édipo tinha era a que ele conheceu na casa de Pólipo, por isso, amedrontado e temendo matar o rei de Corinto que o acolheu como filho, Édipo foge em direção a Tebas.

Em sua jornada rumo ao novo destino, Édipo encontra Laio, começa uma discussão e, ao ser golpeado pelo rei de Tebas, ele, furiosamente, mata o seu pai. Assim, parte da profecia é concretizada.

Após passar por Laio, Édipo encontra e derrota a Esfinge. Como recompensa, o povo declara Édipo o novo rei de Tebas e, assim, ele deverá se casar com a rainha Jocasta. Deste modo, a segunda parte da profecia também se cumpre, e mãe e filho se casam e têm quatro filhos: Etéocles, Ismênia, Antígona e Polinices.

Tempos depois, uma implacável praga chega a Tebas, e Édipo descobre que é o responsável pela catástrofe, pois lhe é revelado que ele não é o filho de Pólibo, mas de Laio e Jocasta. Deste modo, o protagonista da tragédia percebe que a profecia foi cumprida em sua totalidade. Desesperados com a descoberta, Jocasta se mata, e Édipo perfura os seus olhos, tornando-se um cego e, posteriormente, vivendo como um indigente pelas ruas.

Inspirado no mito grego, o neurologista e psiquiatra austríaco, Sigmund Freud (1856-1939), com base em seus estudos e observações, afirmou que o Complexo de Édipo é uma expressão utilizada para nomear um fenômeno no qual, na infância, o indivíduo desenvolve forte sentimento amoroso pela mãe e nutre pelo pai desejos hostis e mortais. Nas palavras do pai da psicanálise:

O menino começa a manifestar de forma exagerada a preferência pela mãe. O garoto passa a desejar que a mãe exista somente para ele, torna-se ciumento em relação ao pai e faz tudo para eliminá-lo da sua convivência com a mãe. Ao mesmo tempo, ou posteriormente, sente-se culpado e experimenta remorsos em relação ao pai. A mesma coisa acontece com a menina: ela passa a desejar o pai e a repelir a mãe (FREUD, 2008, p. 94)

Segundo o Conjunto de Vocábulo da psicanálise, o complexo de Édipo é:

Um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo. Segundo Freud, o apogeu do complexo de Édipo é vivido entre os três e os cinco anos, durante a fase fálica; o seu declínio marca a entrada no período de latência. É revivido na puberdade e é superado com maior ou menor êxito num tipo especial de escolha de objeto. O complexo de Édipo desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia. (LAPLANCHE, 2012, p. 77).

Assim, refletindo acerca dos conceitos do autor citado, percebe-se que a psicanálise fundamenta, compreende e explica os conflitos que Franz Kafka apresentou em suas tramas e, inclusive, pode compreender os motivos que levaram o escritor tcheco a transferir da realidade para a ficção os seus conflitos de ordem familiar.

3. AS FUNDAÇÕES AFETUOSAS DA FAMÍLIA KAFKA

As obras *Carta ao pai*, *O veredito* e *A metamorfose* têm em comum um elemento constante na literatura de Kafka: os conflitos entre os protagonistas e os seus pais. Para compreender a existência desses embates nas tramas, é preciso entender como foi a relação do menino Franz com o seu genitor, Hermann Kafka.

O pequeno Franz é o filho mais velho de um total de seis que Hermann e Julie Kafka tiveram. Lamentavelmente, para o garoto, o seio familiar era um local de distribuição gratuita de violência e insultos do pai para com o seu filho mais velho (PAWEL, 2002), o que fez com que o infante passasse grande parte da sua vida isolado e rebelde, características muito presentes na elaboração comportamental de seus personagens. Conforme afirma Pawel (2002, p. 102), “apenas a ausência do pai era capaz de gerar no garoto uma felicidade, mesmo com traços ansiosos em função da chegada repentina de Hermann”.

Na obra *Descrição de uma luta* (2012), Kafka sugere que sentiu um poderoso sentimento de solidão e desamparo em função da ausência da referência paterna em sua vida (COUTINHO, 2008). Neste sentido, percebe-se que a presença hostil e agressiva do pai fez com que o sentimento de ausência se tornasse avassalador. Sobre a temática exposta, Freud afirma que:

O pai que se ausenta, ou que marca o subconsciente do filho de maneira atroz, é uma das raras condições que não permite a saída efetiva do Complexo de Édipo, causando adversidades de natureza depressiva e melancólica, fazendo com que o sujeito de torne o “eterno filho”, rejeitando, assim, o seu papel de adulto responsável e dono do seu próprio destino (FREUD, 2013, p. 132).

Com base nas palavras de Freud, é possível levar em consideração o que Kafka discorre em seu texto de cunho pessoal, *Carta ao pai*:

Querido pai, tu me perguntaste recentemente por que afirmo ter medo de ti. Eu não soube, como de costume, o que te responder, em parte justamente pelo medo que tenho de ti, em parte porque existem tantos detalhes na justificativa desse medo, que eu não poderia reuni-los no ato de falar de modo mais ou menos coerente. E se procuro responder-te aqui por escrito, não deixará de ser de modo incompleto, porque também no ato de escrever o medo e suas consequências me atrapalham diante de ti e porque a grandeza do tema ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento (KAFKA, 2019, p. 40).

Com base no exposto, é possível notar que Freud (2019) fundamenta e compreende os sentimentos de solidão e ausência de uma referência paterna no desenvolvimento saudável de Kafka (2012 e 2019). Em relação à Julie Kafka, de acordo com a descrição do filho, ela era uma mulher quieta, triste, tímida e submissa ao marido, Hermann (PAWEL, 2002). Julie acompanhava o cônjuge na administração dos negócios da família Kafka e isso fez com que ela se tornasse uma pessoa distante dos filhos que, por conseguinte, foram

praticamente criados por governantas e empregadas que prestavam serviço na casa da família Kafka. Kafka via a mãe com um sentimento que oscilava entre a piedade, causada em relação à submissão para com o pai, e o amor incondicional, pois foi dela que partiram a ternura e a amorosidade que o escritor recebeu, mesmo que em pequenas doses, no seio familiar (PAWEL, 2002).

Sobre a escassa presença de Julie Kafka na vida do pequeno Franz, e em relação à importância que ela teve na constituição subjetiva de sujeito do escritor, é importante levar em consideração o que diz Freud: “no garoto, a figura materna continua sendo um completo objeto amoroso e, na proporção que ele observa a natureza das relações entre seus pais, ele elege o seu pai como seu algoz” (FREUD, 2008, p. 178).

Em relação aos aspectos emocionais, necessários para a gerência dos conflitos edipianos, capazes de impedir o surgimento de um transtorno neurótico, eles são fundamentais para que haja uma distinção entre as fantasias e as relações concretas com os pais reais, presentes e ativos na formação do indivíduo. Assim, pode-se afirmar que as fantasias não são o ponto de preocupação, mas a dificuldade de distinguir e interpretar a realidade (WINNICOTT, 2018), o que pode gerar no indivíduo angústia, melancolia e sintomas infantis.

Sobre o exposto, Donald Woods Winnicott afirma que:

Quando os pais existem e também uma estrutura doméstica e a continuidade das coisas familiares, a solução vem através da possibilidade de distinguir entre o que chamamos de realidade e fantasia. Ver os pais juntos torna suportável o sonho de sua separação ou da morte de um deles. A cena primária (os pais sexualmente juntos) é a base da estabilidade do indivíduo, por permitir que exista o sonho de tomar o lugar de um dos pais. (WINNICOTT, 1988, p. 77)

Assim, verifica-se que o Édipo em Franz Kafka surge da frustração por não poder cuidar de si mesmo, da mãe e dos filhos do jeito que ele julgava ser o correto.

4. AS RELAÇÕES CONFLITUOSAS DA FAMÍLIA SAMSA

A metamorfose, de Franz Kafka, é uma obra literária com características existencia-listas que, escrita em apenas vinte dias, foi lançada em 1915. Elaborada originalmente em alemão, a obra narra o drama de Gregor Samsa, um caixeiro-viajante que, sufocado pela pressão laboral, com a constante rotina e com a obrigação de sustentar a sua família, acorda metamorfoseado em um grande e repugnante inseto.

A mãe de Gregor era uma mulher incapaz que, devido à asma, se via dependente de outras pessoas. Mesmo com um sentimento de profunda nulidade, a mãe se preocupava com o filho e tinha por ele um profundo carinho. Quando questionada pelo superior hierárquico

do trabalho de Gregor, a mãe o protege: “Pelo amor de Deus! – exclamou a mãe já em lágrimas. – Talvez ele esteja seriamente doente e nós o atormentamos” (KAFKA, 2012, p. 17).

Para a psicanalista Melanie Klein,

O desamparo e a necessidade de cuidados maternos por parte do filho solicitam uma grande dose de amor materno, o que vai ao encontro das inclinações amorosas e construtivas da mãe. O desamparo da criança desperta na mãe o desejo de reparação que provém de fontes variadas e que pode relacionar-se a esse menino, representando a realização dos anseios maternos primitivos (KLEIN 2005, p. 87).

Se a mãe de Gregor Samsa tem pelo filho o sentimento de proteção, é preciso levar em consideração o que afirma o biógrafo de Kafka, Ernst Powel: “Julie Kafka, mesmo distante em função das demandas profissionais, era uma mulher protetora e preocupada com o seu filho” (POWEL, 1986, p. 132). Assim, pode-se afirmar que a mãe do protagonista de *A metamorfose* é uma personagem simbólica que é a representação de Julie no cenário fictício da narrativa.

Sobre a importância da mãe, é preciso refletir sobre o seguinte fragmento:

A mãe, aliás, quis visitar Gregor relativamente cedo, mas o pai e a irmã a impediram, a princípio com argumentos racionais, que Gregor escutou com muita atenção e aprovou inteiramente. Mais tarde, porém, foi necessário que a contivessem a força, quando então ela exclamou: – Deixem-me ver Gregor, ele é o meu pobre filho! Vocês não entendem que eu preciso vê-lo? (KAFKA, 2012, p. 33).

Sobre o comportamento da mãe, é importante levar em consideração o que afirma Lacan (2016, p.49): “a mãe encontra no filho o objeto que a acalma”.

Sobre o pai de Gregor Samsa, trata-se de um sujeito que não trabalhava porque tinha um problema na coluna. Ele contraiu uma dívida, mas como não tinha condições de trabalhar, a responsabilidade financeira de tal compromisso passou a ser, então, do seu filho.

O Senhor Samsa, diferentemente da esposa, tinha uma forma mais abrupta de aproximação em relação ao filho, pois quando vai anunciar a presença do gerente, ele diz: “ – O senhor gerente pode, então, entrar no seu quarto? – perguntou o pai, impaciente, e bateu de novo na porta” (KAFKA, 1987, p. 15). O que chama ainda mais a atenção é a resposta seca e indiferente do filho: “ – Não – disse Gregor” (idem).

Sobre o breve diálogo contido na obra, é importante refletir sobre o que afirma Powel sobre a infância do escritor: “Havia entre o pai e o filho uma espécie de comunicação breve e objetiva, com um misto de irritação e indiferença entre os interlocutores” (POWELL, 2002, p. 78).

No entanto, é preciso levar em consideração que as relações entre os Samsa, pai e filho, não ficaram apenas no âmbito da frieza.

(...) quando nesse momento alguma coisa, atirada de leve, voou bem ao seu lado e rolou diante dele. Era uma maçã; a segunda passou voando logo em seguida por ele; Gregor ficou paralisado de susto; continuar correndo era inútil, pois o pai tinha decidido bombardeá-lo (KAFKA, 1997, p. 40).

Os ataques, partindo do pai em relação ao filho metamorfoseado, são o ponto mais alto em relação ao tratamento entre os dois personagens que, em *A metamorfose*, atingem o seu clímax quando o genitor, em relação à morte do próprio filho afirma: “ – Bem – disse o Senhor Samsa, – agora podemos agradecer a Deus” (KAFKA, 2012, p. 57).

Diante do exposto, em *Carta ao pai*, Kafka desabafa ao pai quando diz que: “Era terrível para mim, por exemplo, aquele: ‘Vou fazer picadinho de ti (...)’” (KAFKA, 2019, p. 164). Evidentemente, o escritor evoca as lembranças das ameaças vividas na infância e que o marcaram de forma muito intensa.

Sobre essas relações hostis presentes em na vida do escritor e em sua obra mais conhecida, percebe-se que as ações dos pais, real e fictício, geraram em Kafka e em Samsa um ódio inconsciente dirigido aos genitores que constitui uma das molas primordiais do complexo de Édipo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra literária “A Metamorfose”, escrita por Franz Kafka, traz consigo um amálgama que faz uma junção proposital entre a vida triste do seu criador e a existência trágica do seu protagonista no que concerne às relações entre o filho, como elemento central da relação familiar, e as figuras materna e paterna.

Mesmo distante na maior parte do tempo, a mãe de Kafka deu a ele um tratamento eventualmente mais carinhoso e protetor, enquanto do pai ele recebeu ausência, indiferença e hostilidade, o que fez com que o artista nutrisse pela mãe um sentimento sublime e pelo pai algo próximo da repugnância.

Se o criador de uma das obras mais icônicas do século XX recebeu de seus genitores tratamentos tão diferentes e marcantes, era previsível que ele levasse as adversidades vividas em sua vida para a literatura, e Kafka o fez de maneira esplendorosa. Sua metáfora contra o capitalismo selvagem e a exploração da força de trabalho, de cunho existencialista, mostra aos leitores a importância da figura materna na vida do protagonista e a deplorável e torpe presença paterna na construção do locus familiar. Assim, nesta edificação onde vivem

os membros da família Samsa, assim como aconteceu na família Kafka, surge o complexo de Édipo, em que a mãe é venerada e o pai é alvo de um profundo sentimento nefasto.

A pergunta de pesquisa que inspirou a idealização e a realização deste estudo gerou a seguinte resposta: a relação de Franz Kafka com o seu pai influenciou na estrutura edipiana da família Samsa, na obra literária “A Metamorfose”, no sentido proposital que fez com que o escritor, por meio de suas metáforas, reproduzisse no universo literário as relações familiares que ele, Kafka, viveu durante a sua infância e adolescência.

A psicanálise, com as suas diversas linhas teóricas de abordagem em relação ao tema em tela, apontou marcas negativas de traumas que o próprio artista abordou em sua narrativa. Traumas que constituíram o sujeito marcado pelas hostilidades constantes do seu pai.

Não obstante a situação vivida, Kafka produziu uma das obras mais marcantes do cânone literário e as suas inquietações acerca das relações familiares ainda permitem diversas reflexões sob a ótica da psicologia e da psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULFINCH, Thomas. O livro de ouro da mitologia. Rio de Janeiro: Ediouro, 2011.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

_____. Neurose e psicose. São Paulo: Autêntica editora, 2019.

JANOUGH, G. Conversations with Kafka: notes and reminiscences. New York: New Directions, 2009.

KAFKA, Franz. A metamorfose. São Paulo: Companhia das Letras, 2012

_____. Carta ao pai. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. Descrição de uma luta. São Paulo: Nova Fronteira, 2012.

KLEIN, Melanie. Amor, ódio e reparação. São Paulo: Edusp, 2005.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LAPLANCHE, J. Vocabulário da psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MOISÉS, Massaud. A análise literária. São Paulo: Cutrix, 2008.

PAWEL, Ernst. O pesadelo da razão - Uma biografia de Franz Kafka. São Paulo: Imago, 2002.

SÓFOCLES. Édipo Rei. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

VIEIRA, Trajano. Édipo Rei de Sófocles. São Paulo: Perspectiva, 2009.

WINNICOTT, D. W. (1988). Natureza humana. Rio de Janeiro: Imago, 2018

CAPÍTULO V

PERCEPÇÕES SOBRE A LINGUAGEM E A IDENTIDADE DE ALUNOS VENEZUELANOS EM DUAS ESCOLAS DE BOA VISTA - RR

Camila Godoy de Menezes
Jhanayna Thamiris de Souza Almeida

RESUMO:

As migrações decorrentes da crise humanitária na Venezuela impactaram escolas públicas em Boa Vista-RR que recebem inúmeros imigrantes venezuelanos. Este estudo objetiva analisar como a linguagem e identidade desses alunos influenciam o processo de (re) integração na Escola Estadual Militarizada Maria Nilce Macêdo Brandão e Escola Estadual Monteiro Lobato, a partir das perspectivas de uma professora de Língua Portuguesa e outra de Língua Espanhola. Utilizando a metodologia de pesquisa narrativa e de observação participante, conforme Lakatos e Marconi (2005), a pesquisa destaca desafios enfrentados pelos alunos migrantes. Revela-se que a linguagem desempenha um papel crucial na (re) integração, moldando a construção da identidade. A proximidade entre alunos venezuelanos, ao preferirem o espanhol, busca acolhimento e preservação identitária, mas estabelece barreiras com colegas brasileiros. Essa dinâmica de poder, fundamentada na diferença linguística, destaca a necessidade de abordagens inclusivas para facilitar o processo de (re) integração desses alunos nas escolas brasileiras.

Palavras-chaves: Linguagem, identidade, migrantes venezuelanos.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, Roraima vem sofrendo uma migração em massa devido à crise humanitária vivenciada pela Venezuela, já são mais de 5,4 milhões de refugiados espalhados por todo mundo, segundo o Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados - ACNUR. Esses imigrantes fogem da violência, inseguranças, ameaças, falta de alimentos, remédios e até de serviços básicos, se tornando uma das maiores crises de deslocamento do mundo. As pessoas migram por várias razões, como guerras, repressão política, violência, pobreza, visando a possibilidade de melhoria de vida para si e para suas famílias (Hall, 2003).

Pelo fato de Roraima fazer fronteira, a entrada de migrantes venezuelanos vem se intensificando cada vez mais nos últimos anos. Boa Vista, capital de Roraima, é o município que mais abriga venezuelanos no estado. Segundo Hall (2006), os imigrantes transitam por diferentes contextos de poder e, assim sendo, eles procuram reconstruir suas identidades de forma a obter legitimidade nos espaços que ocupam. As dificuldades enfrentadas para a reintegração em um novo contexto são um desafio enfrentado pelo migrante que luta diariamente pela sua inclusão social.

Viver em outro país significa uma outra vida, fazer novas representações e dar significados diferentes a coisas que já eram familiares; é renunciar ao estabelecido; atentar para comportamentos comuns e corriqueiros que podem ser considerados inadequados, bizarros ou ofensivos; é procurar enxergar o mundo com olhos do outro para compreender como é ser visto por ele. (Freitas, 2000, p.4)

A migração para Roraima se intensificou a partir de 2016, com a chegada inicialmente dos Warao, indígenas migrantes venezuelanos ao estado. Como Roraima é um dos

menores estados do país, conseqüentemente seu PIB (Produto Interno Bruto) também é menor. Ou seja, as autoridades locais logo começaram a solicitar verbas extras ao Governo Federal, alegando que a “crise migratória” estava arruinando o estado, transferindo aos venezuelanos toda a culpa pela precariedade de serviços básicos ofertados. Conforme afirmam Sarmiento e Rodrigues (2019), a ideia de “crise migratória” disseminada por pessoas influentes, foi uma narrativa bastante poderosa implicando na culpabilização dos recém-chegados venezuelanos pela precariedade dos serviços públicos que, na realidade, antecedia a sua chegada.

Diante dos acontecimentos, houve um crescimento na procura de serviços ofertados pelo governo, como atendimento em hospitais públicos, busca por trabalho e matrículas em escolas. De acordo com Sarmiento e Rodrigues (2020), a imigração venezuelana tem se colocado como um espelho por meio do qual nossas mazelas sociais se veem refletidas. Há quem os culpe pelo aumento da demanda de serviços essenciais e violência no estado, mas há quem acredite que tais situações se devem à falta de políticas públicas.

Diante de informações imprecisas sobre a condição migratória e chocada pela percepção da miséria traduzida no aumento de migrantes vivendo em situação de rua, a sociedade roraimense se polariza. De um lado, aqueles que, sensibilizados pela situação de penúria dos migrantes que chegam ao estado, entendem a migração como um direito de ir e vir e o migrante como sujeito portador de direitos (...) E, do outro, aqueles que acreditam que o estado de Roraima tem que resolver seus próprios problemas, que não são poucos(...) (Sarmiento e Rodrigues, 2019 p. 243)

Dessa forma, o objetivo central desse artigo visa analisar de que maneira a linguagem e a identidade de alunos migrantes venezuelanos interferem em seu processo de (re) integração escolar, na Escola Estadual Militarizada Maria Nilce Macêdo Brandão e Escola Estadual Monteiro Lobato, a partir da percepção de uma professora de Língua Portuguesa e uma de Língua Espanhola. A pergunta norteadora é pautada em: até que ponto aspectos da linguagem, identidade e cultura, de um estudante migrante interferem em seu processo de (re)integração escolar?

A fundamentação teórica desta pesquisa, baseada em Hall (2006), Silva (2014) e Maher (2007), aborda questões como identidade e diferença e conceitos de cultura. A metodologia foi realizada a partir da pesquisa narrativa e observação participante. Segundo Lakatos e Marconi (1992), a observação direta intensiva é um tipo de observação que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também examinar fatos ou fenômenos que deseja estudar.

Nesta pesquisa, são relatadas nossas visões como professoras da rede pública de ensino de Boa Vista-RR. Nós, enquanto professoras, somos autoras do texto e descrevemos

a interação desses alunos migrantes em sala de aula. Por se tratar de uma pesquisa voltada para a área de linguística aplicada, as perspectivas aqui retratadas são abordadas em primeira pessoa.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa, com uso da técnica de observação participante, que segundo Lakatos e Marconi (2005) consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste. Em geral são apresentadas duas formas de observação participante:

- a) Natural. O observador pertence à mesma comunidade ou grupo que investiga.
- b) Artificial. O observador integra-se ao grupo com a finalidade de obter informações. (Lakatos, E. Marconi, 2005)

Como nós professoras fazemos parte do cotidiano desses alunos, nossa observação se deu de forma natural, por estar totalmente imersas no cotidiano de sala de aula dos sujeitos de pesquisa. Para uma melhor precisão na análise dos dados a observação se deu durante as próprias aulas de Língua Espanhola e de Língua Portuguesa durante todo ano letivo de 2023.

Além da observação participante, a pesquisa faz o uso de nossas autonarrativas como uma abordagem de pesquisa para análise dos dados, caracterizando assim uma pesquisa narrativa. Para Bruner (2002), uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores. Ou seja, o uso das autonarrativas nessa pesquisa, avalia nossa percepção como professoras observadoras.

Na pesquisa narrativa, há preocupação com a temporalidade (experiências passadas e desejo de novas (futuras) experiências), aspectos pessoais (sentimentos, esperanças, desejos, reações) e sociais (ambientes, força e fatores subjacentes) e espacialidade (contexto) da pesquisa e histórias dos participantes. (BARCELOS, 2020, p.23)

Segundo o autor, a narrativa se preocupa com questões contextuais pois as novas experiências, assim como ambientais influenciam na análise dos dados desses sujeitos de pesquisa.

CULTURA, IDENTIDADE E DIFERENÇA: CONCEITOS E REFLEXÕES

O pós-modernismo pode ser compreendido como um conflito que desencadeia mudanças paradigmáticas em todos os níveis da percepção humana. O mundo moderno de certeza e ordem está sendo substituído por uma cultura de indefinição e hesitação. A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. (Mercer, 1990, p. 43 apud Hall, 2006, p. 9) Para os jovens inseridos na cultura pós-moderna, sente-se a instabilidade e a transitoriedade predominantes, que são indissociáveis da condição pós-moderna. Estas condições levaram a um mundo em que os jovens têm pouca segurança psicológica, econômica e intelectual, à medida que o mundo moderno de certeza e ordem deu lugar a um planeta onde o tempo e o espaço estão condensados no chamado espaço rápido, onde os jovens não pertencem a nenhum lugar específico e vivem gradualmente em esferas culturais e sociais em constante mudança, marcadas por uma pluralidade de línguas e culturas (GIROUX, 1996).

Hall (2006) afirma que essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Mas de que modo se (re)conhece a identidade? Para Hall (2006), a identidade do sujeito pós-moderno não é fixa, essencial ou permanente. Ou seja, está em constante mudança. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (HALL, 2006).

A identidade também se define por aquilo que ela não é, para Woodward (2014), a identidade é assim, marcada pela diferença. Isso determina dizer que a identidade é construída por um repertório carregado de negações. A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos” (SILVA, 2014).

Outro ponto importante para se relacionar com a identidade é a cultura. De acordo com Maher (2007), a cultura é um sistema compartilhado de valores, de representações e de ações: é a cultura que orienta a forma que vemos e damos inteligibilidade às coisas que nos cercam. Conhecer e partilhar a cultura a partir de uma perspectiva antropológica que se afasta do etnocentrismo exigirá mergulhar na cultura e tentar eliminar todos os preconceitos contra o nosso próprio sistema cultural, que tem lugar neste sistema. Isso nos permite relacionar o significado às expressões observadas. O principal ato do etnocentrismo é a tentativa de transferir a lógica de um sistema para outro. Isso ocorre porque cada sistema

tem sua própria lógica e consistência interna que não pode ser transferida. É uma consistência que cria uma espécie de esquecimento que nos obriga a aceitar como ordem natural o que é, em última análise, uma ordem culturalmente determinada.

A perspectiva antropológica sobre a cultura obriga-nos, portanto, a assumir que sem cultura não há sujeito e que todas as expressões culturais têm um valor inerente dentro desse sistema. Estas considerações afastam-nos da crença de que apenas as expressões dos tempos, dos homens, dos acadêmicos, etc., fazem parte da cultura. É um conceito exclusivo que leva à suposição de que existem pessoas que têm cultura e pessoas que não têm, o que se perpetua por causa dos valores culturais. É uma visão muito estreita e tem sido amplamente utilizada para justificar políticas de exclusão.

Contudo, valeria a pena considerar se tal despojamento é possível para o sujeito, se o desejo de ocupar um lugar diferente pode ser plenamente realizado e se a familiaridade cultural é garantida mesmo que tal movimento seja alcançado. Responder positivamente a esta questão significa assumir que o sujeito sabe tudo sobre ele, que se conhece e que pode dizer tudo o que há para saber sobre si mesmo despidendo-se. Portanto, precisamos nos perguntar se ocupar um lugar diferente é possível para nós e, além disso, se estar em um lugar diferente é uma oportunidade de compreender o outro.

A tentativa de nos afastarmos para compreender os outros parece tão ilusória quanto o pleno conhecimento de nós mesmos. Na verdade, isso enfraquece e apaga nossos pontos de vista. Mais importante do que ocupar o lugar do outro é saber sempre onde estamos como observadores, estar conscientes dos limites do nosso espaço e das armadilhas em que a nossa análise pode cair. Portanto, o trabalho abre espaço para que as perspectivas dos outros se tornem possibilidade de conhecimento e autoconsciência, permitindo que estranhos ganhem uma nova perspectiva sem ter uma cultura desconhecida. Significa outro lugar onde você pode se ver.

PERSPECTIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

No início do ano, lecionei Língua Portuguesa em quatro turmas do primeiro ano do Novo Ensino Médio. Em uma dessas turmas, todos os alunos eram novatos. Na primeira semana, identifiquei dois alunos venezuelanos, os quais estavam inicialmente sentados no meio da sala, conversando exclusivamente entre si. Cerca de um ou dois meses depois, observei que decidiram mudar-se para o canto da parede. Respeitei a escolha deles, sem investigar a razão por trás dessa mudança, mas presumi que buscavam ficar mais à vontade por não se identificarem com os demais alunos.

Esses alunos se comunicavam exclusivamente em espanhol, inclusive comigo. Achava interessante, pois interpretava como uma maneira de afirmarem sua identidade venezuelana. Embora, na maioria das vezes, respondesse em português, sabendo que compreendiam, acreditava que isso os incentivaria a praticar a escuta. Em situações em que percebia falta de compreensão, alternava para o espanhol. Lembro-me do dia em que perceberam que eu era falante de espanhol; ficaram surpresos, mas notei certo alívio em sua expressão.

Sobre a marcação de identidade, Woodward (2014, p. 13) afirma que “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente a outras identidades (...)”. Nesse caso, observamos que o uso da língua materna no lugar da “nova” língua funciona como uma marcação simbólica de identidade.

Não posso imaginar como seria a relação deles com professores que não compreendem a língua deles. Esses dois alunos me surpreenderam positivamente, demonstraram dedicação exemplar à disciplina, entregando todas as atividades pontualmente. Notando suas dificuldades com a nova língua, admirei o esforço deles.

Nunca os ouvi falando português ou envolvidos em alguma confusão na sala; permaneciam sempre entre eles dois. Durante dúvidas, dirigiam-se à minha mesa, evitando interações com toda a turma. Assim, percebi que, devido às diferenças de língua e cultura, acabaram se isolando do restante da turma. Identificavam-se mutuamente por meio da língua, cultura e pela experiência compartilhada de migração e adaptação. Nesse sentido, Woodward (2014, p. 17) assevera que: “Há uma discussão que sugere que, nas últimas décadas, estão ocorrendo mudanças no campo da identidade – mudanças que chegam ao ponto de produzir uma “crise da identidade”.

Assim, acredito que o processo migratório trouxe para esses estudantes uma crise de identidade. Há várias hipóteses para o fato deles não se comunicarem em Língua Portuguesa. Talvez ainda não dominem a língua, talvez sintam vergonha, mas pode ser também uma forma de marcar a identidade, algo como “não falo português porque não sou brasileiro”. Dessa maneira, compreendendo que as identidades não são fixas (WOODWARD, 2014), podemos observar que a situação desses alunos na escola é parte de um processo bem maior. A vida deles não se resume ao que fazem ou não em sala de aula, mas é suficiente para causar uma crise de identidade.

Ao discutir sobre representação, Woodward (2014) aborda as identidades individuais e coletivas, destacando algumas questões cruciais, tais como “quem eu sou?” e “quem eu quero ser?” Esses podem ser questionamentos que os alunos enfrentam ao refletir sobre um

futuro que se apresenta incerto. Pode até surgir um questionamento ainda mais conflitante: “quem eu seria se não tivesse sido obrigado a abandonar o meu país?”

Quanto às avaliações, notei que recorriam frequentemente à internet. Sugeri que consumissem mais conteúdo em português para acelerar o desenvolvimento da língua. No momento de avaliar, sempre mantive um tratamento diferenciado, ciente de que não podia exigir deles o mesmo que dos alunos brasileiros. Não sei se essa abordagem se deve ao fato de eu ser falante de espanhol e compartilhar algumas experiências com eles ou se é simplesmente uma questão de bom senso. Acredito que todos os professores deveriam ter essa perspectiva, reconhecendo a diversidade entre os alunos e evitando cobranças desproporcionais ao que os alunos são capazes de alcançar.

No terceiro bimestre, outro aluno venezuelano se juntou à turma, integrando-se automaticamente ao grupo formado pelos dois alunos descritos inicialmente. Parecia evidente uma cumplicidade prévia, sugerindo que talvez se conhecessem fora da escola. A minha surpresa ocorreu quando precisei deixar minhas turmas devido a uma mudança no meu horário, e eles me procuraram para expressar tristeza. Foi algo inesperado, pois nossas conversas eram limitadas ao contexto escolar, mas imagino que, de alguma forma, se sentiram à vontade por saberem que eu compreendia a realidade deles.

PERSPECTIVAS NAS AULAS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Como professora de língua espanhola, leciono para várias turmas, pois dedico apenas 1 hora de aula a cada uma delas. Dessa forma, para cumprir a carga horária exigida, é necessário que eu ministre aulas para todas as turmas da escola. Sou docente na rede pública de ensino, mais especificamente em uma escola militarizada chamada Maria Nilce Macêdo Brandão, localizada em Boa Vista, Roraima. Este ano de 2023 marcou o meu primeiro ano trabalhando nesta instituição, proporcionando-me, assim, o meu primeiro contato com os alunos migrantes que lá estudam.

Ao chegar à escola, deparei-me com a realidade de que todas as turmas continham alunos migrantes venezuelanos. Aparentemente, as turmas apresentavam uma quantidade de 2 a 3 alunos venezuelanos por sala, no entanto, vou me ater especificamente a uma turma do 9º ano, pois é a que possui o maior número de alunos venezuelanos, totalizando 5.

No início do ano letivo, essa turma tinha apenas 3 alunos migrantes. Eles ocupavam lugares separados, sendo que um aluno sentava-se à frente, na primeira fileira, enquanto os demais se posicionavam atrás. No início do segundo bimestre, os outros 2 alunos foram transferidos para a escola e se juntaram aos que já estavam sentados atrás. Assim, os 4

alunos passaram a ocupar juntos a última fileira, restando apenas 1 aluno que continuava a sentar-se à frente.

O aluno que ocupava o lugar à frente sempre permaneceu em silêncio durante as aulas, realizava todas as atividades propostas e, de vez em quando, manifestava curiosidade sobre minha formação e meu interesse em lecionar língua espanhola. Apesar de minhas tentativas constantes de manter um contato mais próximo com os demais alunos venezuelanos, nossas conversas não obtinham êxito. Eu sempre percebia que eles eram muito tímidos e não estabeleciam nenhum relacionamento com o restante da turma.

No terceiro bimestre, os alunos foram transferidos para outra sala, e nesse novo ambiente, todos passaram a se sentar juntos, mais à frente. Eu sempre percebia que predominantemente falavam em espanhol entre eles, e ao se referirem a mim, alternavam entre o espanhol e o português. Em particular, havia uma aluna que não estava alfabetizada em espanhol, apresentando, assim, muita dificuldade em aprender o português. Ela falava muito pouco a língua portuguesa e não conseguia escrever nada.

Notei que todas as minhas atividades de língua espanhola, mesmo sendo o espanhol sua primeira língua, tornavam-se um desafio para ela, pois não sabia escrever. Ao final das atividades dos colegas, ela pegava o caderno deles e copiava as respostas para o seu.

Durante minhas avaliações, observei que apenas uma aluna conseguia realizar as atividades sem dificuldade e compreendia tudo o que era abordado em sala de aula. O restante da turma apresentava dificuldades, muitas vezes, em questões básicas, como leitura e interpretação textual.

Por outro lado, notei que em algumas aulas em que utilizei áudios e vídeos, esses alunos venezuelanos apresentavam um semblante de satisfação, pelo fato de se sentirem confortáveis e compreenderem toda a atividade proposta. As atividades de compreensão auditiva são as que mais apresentam participação desses alunos, o que nos mostra uma identificação com sua cultura através da língua.

Ao término do ano letivo, observei que uma aluna começou a interagir mais com outras colegas brasileiras. Essa aluna em particular era a que possuía maior domínio da língua portuguesa, conseguindo compreender e se expressar bem, o que talvez facilitasse a interação. Os demais alunos venezuelanos, até o final do ano letivo, não estabeleciam contato constante com os colegas brasileiros e sempre tiravam dúvidas comigo sobre como pronunciar ou utilizar certas palavras em português.

A maior dificuldade encontrada nas salas de aula é ocasionada por causa da língua utilizada por esses alunos. Durante a minha observação dos sujeitos de pesquisa, notei que esses alunos se sentam todos juntos como uma forma de se sentirem acolhidos e de reafirmar sua identidade. Para Hall (2006), as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Ou seja, pelo fato de serem venezuelanos, fato que determina sua identidade nacional, a proximidade com os colegas da mesma nacionalidade os fortalece como sujeitos que se encontram migrando.

O fato desses alunos não manterem uma relação próxima com os alunos brasileiros revela uma relação de poder e de hierarquia. Como já afirmei anteriormente, a identidade é marcada pela diferença: ser venezuelano significa não ser brasileiro, e não ser brasileiro os faz sentirem com menos direitos de se expressarem para de fato ser quem são, sem uma pressão social imposta. Segundo Silva (2014), a identidade brasileira, por exemplo, é o resultado da criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferentes de outras identidades nacionais.

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e linguística - está sujeita a vetores de força, a relação de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. (SILVA, 2014, p. 81)

De acordo com o autor, onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. Outras marcas de presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”), (SILVA, 2014, p.81), aumentam essa distância entre alunos migrantes e não migrantes, encontrada na sala de aula. A partir do comportamento da aluna venezuelana que se comunicava em português na sala de aula, detectei com clareza a presença do poder que se refletia no fato da aluna conseguir se relacionar com os colegas brasileiros por ter domínio da língua portuguesa, o que a fazia ter um poder de comunicação que a diferenciava dos demais alunos migrantes.

COMPARAÇÃO ENTRE AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LÍNGUA ESPANHOLA

Observando as nossas experiências em sala de aula, destacam-se as nuances nas abordagens e nas dinâmicas das turmas de Língua Portuguesa e Língua Espanhola ao lidar com alunos migrantes venezuelanos.

Na turma de Língua Portuguesa, a integração parece ter sido mais gradual, evoluindo ao longo do ano. A espontaneidade e a cumplicidade entre os alunos venezuelanos sugerem

uma dinâmica única, que evoluiu com a chegada de um novo aluno no terceiro bimestre. Enquanto a integração entre os alunos venezuelanos na turma de Língua Portuguesa é positiva, há também a observação de que eles quase não interagem com os demais colegas. Isso pode indicar desafios na (re)integração escolar.

Por outro lado, a observação de que eles se comunicavam predominantemente em espanhol e não sentiam vergonha disso, sugere uma forte conexão com sua identidade venezuelana. Essa escolha linguística pode ser uma forma de se manterem conectados às suas raízes e de expressar orgulho por sua cultura e língua materna, mesmo estando em um novo ambiente.

Enquanto isso, na turma de Língua Espanhola, a adaptação foi marcada por uma mudança mais súbita no terceiro bimestre, com os alunos migrantes se reunindo e se comunicando predominantemente em espanhol. A experiência de uma aluna não alfabetizada em espanhol adiciona uma camada de complexidade, destacando os desafios específicos enfrentados na assimilação da língua.

As autonarrativas aqui apresentadas destacam a interseção complexa entre língua, cultura, identidade, diferença e o processo de (re)integração dos alunos migrantes venezuelanos. No contexto da aula de Língua Portuguesa, nos deparamos com alunos venezuelanos que optam por se comunicar em espanhol, buscando uma expressão de identidade que transcende as barreiras da língua. A escolha de permanecerem entre eles, evitando interações com os colegas brasileiros, revela uma dinâmica de grupo baseada na afinidade linguística e cultural, marcada por uma clara distinção entre “nós” e “eles” (Silva, 2014).

A identidade desses alunos é moldada não apenas pela nacionalidade, mas também pela língua materna e pela experiência compartilhada de migração. Assim, observa-se uma possível “crise de identidade” (Woodwar, 2014) entre os alunos venezuelanos, manifestada pela resistência em falar português. Esse cenário sugere que o processo de (re)integração vai além do domínio linguístico, envolvendo questões complexas relacionadas à cultura e identidade.

Já nas aulas de Língua Espanhola, a identidade é percebida de forma similar, mas com uma ênfase específica na língua espanhola como fator unificador. Os alunos migrantes venezuelanos se agrupam, comunicando-se predominantemente em espanhol, o que é interpretado como uma forma de fortalecer sua identidade nacional. A resistência em relação à língua portuguesa é evidente, destacando-se uma clara demarcação de fronteiras linguísticas.

A diferença, nesse contexto, é uma construção social e linguística que permeia as interações na sala de aula. A proximidade entre os alunos venezuelanos é uma resposta à necessidade de se sentirem acolhidos e de preservarem sua identidade, mas, ao mesmo tempo, cria uma barreira com os colegas brasileiros. A diferença, portanto, se torna uma dinâmica de poder, onde a identidade nacional venezuelana é marcada como algo distinto e, por vezes, isolado.

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. (WOODWAR, 2014, p. 40)

Dessa maneira, observamos uma dualidade inerente a essa dinâmica. Enquanto a proximidade entre os alunos venezuelanos é uma forma de se sentirem acolhidos e afirmarem sua identidade, simultaneamente cria uma barreira com os colegas brasileiros. A diferença, nesse contexto, não apenas define a identidade, mas também estabelece fronteiras que, por vezes, resultam em isolamento social.

A citação de Woodward (2014) complementa essa análise ao ressaltar que a identidade não é o oposto da diferença; na verdade, depende dela. A marcação da diferença, seja através de símbolos culturais ou formas de exclusão, é um processo fundamental na construção das identidades individuais e coletivas. No caso dos alunos venezuelanos, a língua, a cultura e a experiência migratória se tornam marcadores simbólicos que delineiam sua identidade nacional.

Assim, podemos afirmar que apesar dos desafios imbricados ao processo de (re) integração, foram adotadas abordagens pedagógicas sensíveis às particularidades e diferenças dos alunos migrantes. Nas aulas de Língua Portuguesa, a sensibilidade no momento das avaliações sugere compreensão à realidade dos alunos. Já nas aulas de Língua Espanhola, a alternância entre as línguas e a compreensão das dificuldades específicas de uma aluna não alfabetizada mostram uma resposta diferenciada às necessidades dos alunos.

No entanto, o processo de (re)integração desses alunos está intrinsecamente ligado à forma como a identidade e a diferença são percebidas e abordadas na escola como um todo, não somente nas aulas de Português e Espanhol. A compreensão sensível e adaptativa dessas dinâmicas pelos professores é crucial para criar ambientes educacionais inclusivos, promovendo uma (re)integração que respeite e valorize a diversidade cultural e linguística dos alunos migrantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou analisar as percepções sobre a linguagem e a identidade de alunos venezuelanos em processo de (re)integração escolar em duas escolas de Boa Vista - RR, a partir da perspectiva de professoras de Língua Portuguesa e Língua Espanhola. A migração em massa causada pela crise humanitária na Venezuela resultou na chegada de alunos migrantes às escolas públicas da região, apresentando desafios tanto para esses alunos quanto para a comunidade escolar.

Os resultados obtidos através de observação participante revelaram que a linguagem e a identidade desempenham papéis cruciais no processo de (re)integração escolar dos alunos venezuelanos. Na turma de Língua Portuguesa, observou-se uma integração gradual dos alunos migrantes, marcada por cumplicidade entre eles, mas com limitada interação com os demais colegas brasileiros. A escolha de se comunicarem predominantemente em espanhol foi interpretada como uma expressão de reafirmação identitária.

Já na turma de Língua Espanhola, a adaptação foi mais repentina, evidenciando-se uma mudança na dinâmica no terceiro bimestre, com os alunos migrantes reunindo-se e se comunicando em espanhol. A presença de uma aluna não alfabetizada nessa língua destacou desafios específicos relacionados à assimilação do idioma.

As experiências nas duas disciplinas apontam para a importância de abordagens pedagógicas sensíveis às particularidades dos alunos migrantes. A promoção do consumo de conteúdo em português nas aulas de Língua Portuguesa e a compreensão das dificuldades específicas na turma de Língua Espanhola demonstram uma resposta personalizada às necessidades dos alunos, visando facilitar seu processo de aprendizado e (re)integração.

Diante do exposto, é fundamental que as instituições de ensino desenvolvam estratégias pedagógicas que considerem a diversidade linguística e cultural dos alunos migrantes, promovendo um ambiente inclusivo e propício ao desenvolvimento acadêmico e social. Além disso, a sensibilização da comunidade escolar para compreender e acolher as diferentes identidades culturais é essencial para fomentar relações harmoniosas e promover o respeito à diversidade.

Por fim, a pesquisa destaca a necessidade contínua de investigação e reflexão sobre as práticas educacionais relacionadas aos alunos migrantes, visando contribuir para a construção de ambientes escolares mais justos, igualitários e adaptados às necessidades de todos os estudantes, independentemente de sua origem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREITAS, M. E. (2000). **Vida de executivo expatriado**: a festa vestida de riso e de choro. In: Encontro Anual da ANPAD, 24, 2000. Florianópolis: ANPAD.
- LAKATOS, E.; MARCONI, M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1992.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HALL, S. (2006). **A identidade na pós-modernidade**. SILVA, T. T. (trad.). 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A.
- SARMENTO, Gilmara G.S.; RODRIGUES, Francilene dos Santos. Entre a acolhida e o rechaço: breves notas sobre a violência e os paradoxos da migração venezuelana para o Brasil. In: BAENINGER, Rosana E SILVA, Joao Carlos Jaronchiski (orgs). **Migrações Venezuelanas**. Campinas-SP: Núcleo de Estudos de Populações Elza Berquó, NEPO/Unicamp, 2018, pp242-249. Disponível https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf
- SARMENTO, Gilmara G.S.; RODRIGUES, Francilene dos Santos. **Interfaces da mobilidade humana na fronteira amazônica**. I61 Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica v. 2/ Márcia Maria de Oliveira; Maria das Graças Santos Dias, Organizadoras.– Boa Vista :Editora da UFRR, 2020.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 2. ed. Trad. Sandra Costa. São Paulo: Artmed, 2002.
- GIROUX, H. **Jovens, diferença e educação pós-moderna**. In: CASTELLS, M., et al.
- BARCELOS, Ana Maria Ferreira. **Compreendendo a pesquisa (de) narrativa**. In: GOMES, J. Ronaldo Corrêa. (org.). Pesquisa Narrativa: história sobre aprender e ensinar línguas. São Paulo: Pimenta cultural, 2020. 243p..
- WOODWARD, K. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual In: SILVA, Tomas Tadeu da. (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva de estudos culturais. 15 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- SILVA, Tomas Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva do estudos culturais / Tomaz Tadeu da Silva (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15 ed. - Petrópolis. RJ: Vozes, 2014.
- MAHER, Terezinha Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e plurilinguismo. In: KLEIMAN. Ângela B. □ Marilda C. Cavalcante (orgs.). 2007. **Linguística Aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 360 p.

CAPÍTULO VI

**REFLEXÕES SOBRE ESCRITA E PODER A PARTIR
DA ANÁLISE DO ROMANCE CIRCE, DE MADELINE
MILLER**

Hilvany Lannay Silva Araújo

RESUMO

Circe é um romance, escrito por Madeline Miller, baseado na mitologia da feiticeira/bruxa Circe, filha do titã Hélio com uma náiade, chamada Perseis. A autora promove uma releitura da personagem que surgiu na literatura pela primeira vez em *Odisseia*, de Homero. Miller apresenta a história da vida de Circe, permitindo ao leitor uma perspectiva mais ampla dos acontecimentos a respeito da personagem, porém, intimista, uma vez que a narrativa transcorre em primeira pessoa. Os pressupostos teóricos apresentados neste trabalho propiciam uma discussão a respeito da importância social e política daquele que escreve, Gayatri Spivak (2010), Sandra Regina Goulart Almeida (2013) e com base nas teorias do feminismo, tais como os escritos de Judith Butler (1990), Heleieth Saffioti (2004) e Simone Beauvoir (1970), o trabalho analisa a representação da figura feminina, partindo de como a autora dialoga e revisa a personagem Circe rompendo com os estereótipos acerca da feminilidade engendrada pela literatura tradicional ocidental.

Palavras-Chave: Feminismo; Circe; Mitologia; Literatura; Poder.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura no Ocidente, durante muitos séculos, não foi um espaço plural, uma vez que as narrativas favoreciam a naturalização dos papéis de gênero convencionados socialmente, pois eram escritas a partir de uma vivência majoritariamente masculina. Historicamente, a literatura ocidental reforça papéis de gênero que subalternizam a figura feminina. Conforme Carola (2006), tanto na tradição grega quanto na judaico-cristã, a representação do feminino está intrinsecamente ligada aos adjetivos ruins e inferiores.

A representação do feminino como símbolo do mal está bem caracterizada nas duas principais tradições do mundo ocidental. [...] e tanto no mito grego de Hesíodo, como na narrativa do gênesis da bíblia cristã, a mulher é associada ao mal, com a diferença de que Pandora foi intencionalmente criada para trazer o mal e Eva foi criada para ser “ajudante” de Adão. Ambas foram pensadas e criadas em função do homem, a primeira para ser uma carga tal como um zangão e a segunda para ser o complemento do homem, fazendo-o feliz. (CAROLA, 2006, p. 25)

A discussão sobre gênero, bem como a problematização das categorias de gênero, é relativamente recente, pois falar sobre isso era visto como uma “dor de cabeça” que deveria ser evitada:

Os debates feministas contemporâneos sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo. (BUTLER, 2022, p. 7).

Dessa forma, a escrita de mulheres na literatura foi importante para, paulatinamente, inserir reflexões a respeito do feminino que outrora foi apenas concebido como um conceito determinado e taxado de estereótipos. Butler (2022) aponta que o sujeito mulher é

presumido como estável pelo patriarcado, que dita um modelo ideal do que é ser mulher, buscando, dessa maneira, manter algum controle sobre os corpos femininos.

A partir de então, passou-se a ter espaço para que mulheres dedicassem suas pesquisas e escritos ao desenvolvimento da vida da mulher em sociedade e às várias violências que vieram com o surgimento/progresso do capitalismo e a divisão sexual do trabalho. Afirma Federici (2023) que os corpos femininos eram explorados não somente para o trabalho em minas e fábricas, mas também para gerar novos trabalhadores e tal fato foi primordial para a acumulação primitiva de capital.

Dessa maneira, a escrita de mulheres na literatura foi importante para, paulatinamente, inserir reflexões a respeito do feminino que outrora foi apenas concebido como um conceito determinado e taxado de estereótipos. Butler (2022) aponta que o sujeito mulher é presumido como estável pelo patriarcado, que dita um modelo ideal do que é ser mulher, para, dessa maneira, manter algum controle sobre os corpos femininos.

Nos romances, em que há protagonistas mulheres, escritos por mulheres, há uma abordagem mais atenta e menos generalizada sobre a existência feminina e, sobretudo, um entendimento de que não são seres estáveis, os quais seguem um modelo de comportamento, tampouco permanentes. Tais características são notórias na personagem Circe, uma vez que podemos acompanhá-la desde o nascimento até sua fase adulta, conhecendo, assim, inúmeras facetas da personagem, as quais podem promover algumas identificações com as leitoras.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A literatura é política e diversa, portanto, concede voz a quem por muito tempo permaneceu relegado ao silêncio, aqueles que segundo Spivak pertencem “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p. 12). Dentro desse espectro temos as mulheres que, ao longo da literatura ocidental, foram narradas por homens e, conseqüentemente, correspondiam a um modelo social estratificado. As teorias de gênero que foram desenvolvidas ao longo da história irão argumentar acerca das dissidências sobre como e o que se conceitua como gênero, sobretudo no que tange às mulheres.

Scott (2019) afirma que as relações sociais são interceptadas pelo gênero, uma vez que as diferenças entre os sexos são usadas como justificativa para a não equidade de poder que existe nessas relações. A autora declara que apesar dessa diferença, as categorias

“homem” e “mulher” são indefinidas e flutuantes, pois não há respostas concretas a respeito disso, uma vez que “elas contêm ainda em si definições alternativas negadas ou reprimidas” (SCOTT, 2019, p. 75). Butler (2022) compartilha do mesmo pensamento quando comunica que o gênero é algo inconstante por ir além da oposição do sexo biológico e do contexto cultural:

Se o sexo é, ele próprio uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (BUTLER, 2022, p.27).

Há na sociedade o que Simone Beauvoir (1970) denomina de mito da feminilidade, a autora explica que ele é usado para estereotipar os comportamentos das mulheres e que isso se inicia na infância, visando que a criança cresça de forma a ser moldada para uma vida que escolheram para ela, esses estereótipos, conforme a autora, sempre apontam para um incômodo social que favorece os homens.

Conforme Spivak, a condição de subalterno é imposta ao gênero feminino com maior veemência, visto que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (p.15). Para além da violência física e psicológica, a autora aponta que há também a violência intelectual, chamada de epistêmica, que consiste no silenciamento do subalterno a partir da sua não representação, ou seja, da sua invisibilidade. Pode-se inferir que tal apagamento se reflete na marginalização das mulheres na produção literária dominada por homens. A obra de Madeline Miller se relaciona com os textos teóricos abordados porque reescreve a trajetória de uma das personagens mais emblemáticas da mitologia grega, concedendo, assim, uma oportunidade de conhecê-la à parte da escrita masculina.

3. A REESCRITA DE CIRCE: UMA REPRESENTAÇÃO FEMINISTA

No livro *Circe*, lançado em 2018, Madeline Miller, séculos após a primeira aparição da feiticeira na literatura, reescreve o mito em uma narrativa envolvente que ressignifica a trajetória de uma das bruxas mais temidas pelos homens. A autora nos mostra a vida da personagem em uma narrativa íntima, pois o texto se dá em primeira pessoa, promovendo, assim, uma maior aproximação e possível identificação com os dramas vividos por ela.

Desde que nasceu, Circe tem uma vida pré-determinada e uma identidade particular negada:

Quando nasci, o nome para o que eu era não existia. Chamavam-me de ninfa, supondo que eu seria como minha mãe e tias e milhares de primas. Menores entre as deusas menores, nossos poderes eram tão modestos que mal asseguravam nossa eternidade. Falávamos com peixes e nutríamos flores, extraíamos gotas das nuvens ou sal das ondas. Essa palavra, ninfa, marcava a extensão e a amplitude de nosso futuro. Em nossa língua, significa não apenas deusa, mas também noiva. (MILLER, 2022, p. 1)

Entretanto, ao nascer, não correspondeu às expectativas dos pais, sendo, portanto, rejeitada por ambos, o deus do sol, Hélios, e a ninfa do oceano Perseis; conseqüentemente, é vista como pária por todos os outros que a cercam. O repúdio da mãe inicia quando percebe que o primeiro filho, na verdade, é uma menina, e a situação piora a partir do momento em que é predito o casamento de Circe com um príncipe mortal. Circe, portanto, tem sua vida determinada pelo seu sexo e, por essa razão, também é vista como um objeto de troca, em que os passos que deve seguir já foram traçados, sem considerar seu consentimento, por um sistema patriarcal que dita, desde o ventre, o caminho que a mulher deve percorrer e o lugar que deve ocupar na sociedade. Conforme Beauvoir, quando duas categorias humanas coexistem, em que uma delas é privilegiada, há uma relação de dominador e dominado, em que vários subterfúgios são realizados para a manutenção dessa opressão, “compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 81).

Em *Odisseia*, poema épico de autoria atribuída a Homero e em que Circe surgiu pela primeira vez, narra a história de Ulisses, um homem que por 10 anos se esforça para retornar à sua terra natal, Ítaca, após a Guerra de Troia, para, então, reencontrar seus familiares e esposa. Entre as muitas aventuras vividas pelo protagonista, a narrada no canto X é que destacamos nesse trabalho por se tratar do encontro de Ulisses com Circe, a feiticeira de “belas tranças” (HOMERO, *Odisseia*, X, 135), que a princípio é vista como ameaçadora, mas depois se torna amante de Ulisses, ajudando-o na sua trajetória de regresso à Ítaca. Ao longo da história da literatura ocidental, Circe foi citada em outros poemas, tais como na escrita de Virgílio, em que é descrita como sedutora, mas temida, uma criatura que precisa ser evitada e da qual os navegantes precisam de proteção para não caírem no “influxo maléfico” dos seus “sortilégios”. A escolha das palavras faz com que Circe possa ser interpretada como uma deusa manipuladora e má. Em *Metamorfoses*, de Ovídio, o poeta faz um percurso sobre centenas de mitos, dentre eles, está Circe. Nos versos do canto XVIII e XIV do poeta latino, a deusa é descrita como uma feiticeira vingativa que destrói a relação de Glauco e Cila por não ter o amor que sente por Glauco correspondido.

“[...] Para não teres dúvidas e acredites na tua beleza,
eis-me a mim que, embora deusa e filha do Sol resplandecente,
e tendo tanto poder com as encantações como tenho com as ervas, desejo ser tua.
Despreza quem te despreza, paga na mesma
moeda e, com um único ato, pune uma e vinga a outra.”
A esta tentativa de sedução, responde Glauco: “Hão de no mar nascer árvores e
algas nos altos montes
antes de eu mudar de amores, enquanto Cila viver.”
A deusa foi invadida pela indignação e, uma vez que
não podia fazer-lhe mal a ele, nem queria, pois que o amava,
dirige a sua ira contra aquela que foi preferida a si.
(OVÍDIO, *Metamorfoses*, XIV, 32-42).

Nos versos, Circe soa soberba e infantil por não saber lidar com uma rejeição amorosa, o poeta descreve Circe como uma deusa mesquinha e cruel, por atacar Cila sem direito de defesa, uma vez que irá envenenar a enseada onde a ninfa frequenta. Quando Ovídio descreve a forma como Circe irá manipular as ervas para se vingar de Cila, escolhe palavras como “funestas”, “temíveis”, “monstruosos”, “venenosas” remetendo sempre a termos com significados negativos para os poderes de Circe:

[...] A deusa começa por degradá-lo, impregnando-o de venenos monstruosos.
Espalha seiva de raízes venenosas e,
numa amálgama obscura de palavras incompreensíveis,
recita três vezes nove vezes um esconjuro mágico. Cila chega.
Tinha submergido até a cintura, quando se apercebe de que
as duas partes estão desfiguradas por monstros latrantes.
(OVÍDIO, *Metamorfoses*, XIV, 55-60).

Ovídio também faz referência a Odisseia quando cita que Cila ataca Ulisses e seus tripulantes pelo ódio que alimenta por Circe. Esse intertexto reafirma a importância de Homero para a literatura clássica, pois influenciou a escrita de outros poetas a respeito da mitologia de Circe:

[...] Cila mantém-se no mesmo lugar e, logo que a oportunidade surge, arrebatou a
Ulisses os seus companheiros por causa do ódio a Circe.
Logo depois, teria submergido as embarcações troianas,
se não houvesse sido transformada em rochedo, cuja massa
ainda hoje se ergue acima das ondas, que os marinheiros evitam.
(OVÍDIO, *Metamorfoses*, XIV, 69-74).

Voltando-se para a contemporaneidade, temos o romance do autor Rick Riordan, precisamente no segundo volume da série de livros de *Percy Jackson e os Olimpianos*, intitulada *O mar de monstros*, lançado em 2009, livro este em que Circe surge no capítulo

doze, momento em que o protagonista, Percy, e seus companheiros, Annabeth e Tyson, se hospedam em um spa e *resort* comandado por Circe, que usava o codinome de “C.C”. O spa e *resort* ficavam em uma ilha, os personagens, em uma de suas aventuras, estavam à deriva no mar quando avistaram a ilha de Circe:

[...] Mais um minuto e pude distinguir uma ilha com uma pequena montanha no centro, um ajuntamento de prédios de um branco deslumbrante, uma praia pontilhada de palmeiras e um porto cheio de um estranho agrupamento de barcos.

A corrente estava puxando nosso bote na direção daquilo que parecia ser um paraíso tropical.

(RIORDAN, 2009, p. 175).

Ao desembarcarem na ilha, foram recebidos por uma moça que logo ofereceu um “emplastro de ervas” para Annabeth e “uma transformação completa” para Percy (p. 176). Adentrando o grande prédio, perceberam peculiaridades, tais como animais selvagens domesticados e apenas mulheres jovens como hóspedes do *resort*. Quando os personagens encontram Circe, a descrição da deusa se assemelha aos poemas gregos e latinos, cabelos trançados, muito bela, cercada de animais:

Sua voz pairava no ar como uma canção de ninar. A letra era alguma língua que não o grego antigo, mas igualmente velha [...] Eu conseguia entender sobre o que era – luar em olivas, as cores da aurora. E magia. Algo sobre magia. A voz parecia me erguer dos degraus e me transportar em sua direção. [...] Estava sentada em frente a um tear do tamanho de uma TV de tela grande, as mãos tecendo fios coloridos [...] A mulher se virou. Era ainda mais bonita que seu tecido. Os longos cabelos escuros estavam trançados com fios de ouro. Tinha olhos verdes penetrantes [...] Os animais da gaiola começaram a guinchar [...] Nos apresentamos a C.C. Ela me examinou com olhar de desaprovação, como se eu não tivesse passado em algum tipo de teste. Eu imediatamente me senti mal. Por alguma razão queria muito agradecer àquela moça. (RIORDAN, 2009, p. 178).

Percebe-se que Circe é descrita como bela e sedutora, uma vez que Percy se sente impelido a ir até ela e em querer agradá-la; também é descrita como alguém que tem preferência por mulheres ao seu redor, tendo em vista as hóspedes do hotel e a forma como reagiu à Percy. Após esse encontro, Circe decide separar os amigos, ficando a sós com Percy decide dissuadi-lo a mudar de aparência, para uma versão mais bonita e forte, ofereceu-lhe, então uma poção mágica:

Ela foi até seu bar e encheu um copo com água. Depois rasgou um pacote de bebida em pó e despejou um pouco de pó vermelho. A mistura começou a brilhar. Depois que o brilho se extinguiu, a bebida parecia um milk-shake de morango. [...] C.C sorriu e me entregou o copo. Levei-o aos lábios. [...] Quase imediatamente uma sensação calorosa se espalhou pelo meu estômago: agradável no início, depois dolorosamente quente [...] vi minhas mãos murchando, se encurvando, enquanto cresciam garras compridas e delicadas. Pelos brotaram em meu rosto [...] Minhas roupas estavam ficando grandes demais – não, eu estava encolhendo. (RIORDAN, 2009, p. 182).

Circe, no romance, mostra-se ser também manipuladora e sarcástica, uma vez que convence os homens, por meio da própria vaidade deles, a tomarem as bebidas mágicas

manipuladas por ela, transformando-os em animais. A jaula com animais guinchando notada por Percy no início do capítulo estava repleta de homens, assim como os animais que vira na entrada do spa também o eram. Nessa parte do texto de Riordan, o autor faz um intertexto explícito com o mito de Circe descrito em *Odisseia*, em que a bruxa era famosa por transformar homens em porcos, pois, assim que transforma Percy, a feiticeira o pega nas mãos e exclama:

Um porquinho-da-índia [...] Os homens são porcos, Percy Jackson. Eu costumava transformá-los em porcos de *verdade*, mas eles eram tão fedidos e grandes, e difíceis de manter...Porquinhos-da-índia são muito convenientes! Agora venha, e conheça os outros homens.

(Riordan, 2009, p. 182-83).

Riordan escreve uma Circe que é gananciosa por poder e que menospreza por se ressentir dos homens, além de demonstrar odiá-los independentemente da idade ou das atitudes, sendo homem já basta para decidir castigá-los como animais. A partir das leituras dos poemas épicos, bem como das adaptações modernas de Circe, pode-se perceber que há um discurso que ecoa desde a *Odisseia*, de Homero: a vilanização da personagem feminina. Essa visão antagonizada da mulher advém de uma ideia sobre o feminino que data da Grécia Antiga, pautada em um conhecimento que era dominado por homens; na língua grega, por exemplo, não havia uma palavra para determinar algo que fosse belo e mal ao mesmo tempo, porém, esses dois adjetivos se unem para “dizer aquilo que a mulher é” (Andrade, 2001, p. 52).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Madeline Miller, ao reescrever a história de Circe, ecoa uma voz que há muito havia sido silenciada, fazendo com que haja, por meio da literatura, uma ruptura do que os homens ditaram, também se utilizando da escrita, a respeito do feminino, com base em expectativas que eles possuíam sobre o comportamento das mulheres. A autora traz, assim, a mitologia grega como alegoria para o mito que circunda a existência da mulher, pois, ao humanizar Circe, promove-a de objeto a mulher, apresentando uma personagem complexa que possui em sua trajetória experiências comuns a várias mulheres, tais como solidão, violência e apagamento. Miller não faz de Circe uma personalidade cruel para ser grandiosa, mas constrói uma personagem cativante por não ser maniqueísta e representar a dualidade que permeia os seres humanos.

A escrita do romance pode permitir às leitoras uma identificação com Circe, pois, pelas mãos de Madeline Miller, tem-se uma personagem cativante que pode levar a que mulheres se enxerguem nas atitudes e situações vividas pela protagonista, por todas as

vezes em que a sociedade fez com que essas mulheres se sentissem deslocadas e perdidas por não corresponderem a um modelo de feminino escrito e reescrito durante séculos por homens na literatura ocidental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marta Mega de. **A Cidade das Mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas clássica**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo, fatos e mitos**. São Paulo, Difusão Européia do livro, 4ª edição, [1949], 1970.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, [1990], 2022.

CAROLA, Carlos Renato. **Pandora, Eva e Sofia: a naturalização da desigualdade de gênero na história do pensamento ocidental**. 2006.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, [2011], 2022.

MILLER, Madeline. **Circe**. São Paulo, Planeta, 2ª edição, [2018], 2022.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson & Os Olimpianos – O Mar de Monstros**. Intrínseca, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, [2004], 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-77.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. 1ª edição. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

1. Acadêmico: Relacionado ao ambiente, às práticas e ao conhecimento produzido no meio acadêmico, geralmente referente a instituições de ensino superior e pesquisa.
2. Acolhimento: Ação de receber alguém de maneira acolhedora, oferecendo apoio, conforto e assistência, especialmente em situações de vulnerabilidade ou necessidade.
3. Amazônia: Região extensa localizada na América do Sul, caracterizada por sua vasta floresta tropical e rica biodiversidade, abrangendo vários países, incluindo o Brasil.
4. Análise: Processo de examinar detalhadamente algo para compreender sua estrutura, funcionamento ou significado, geralmente realizado de forma crítica e sistemática.
5. Autoria: Ato ou qualidade de ser autor de algo, como um texto, obra de arte ou criação intelectual, implicando responsabilidade pela criação e originalidade do conteúdo.
6. Brasil: País localizado na América do Sul, conhecido por sua diversidade cultural, extensão territorial, riquezas naturais e desafios socioeconômicos.
7. Circe: Personagem da mitologia grega, conhecida como feiticeira que transformava os homens em animais, presente em diversos relatos, especialmente na Odisseia de Homero.
8. Cultura: Conjunto de crenças, valores, costumes, tradições e expressões artísticas compartilhadas por um grupo de pessoas, refletindo sua identidade e modo de vida.
9. Decolonialidade: Abordagem crítica que questiona e busca superar os legados do colonialismo, promovendo a descolonização do conhecimento, das relações sociais e das estruturas de poder.
10. Escrita: Ato de produzir textos por meio da linguagem escrita, envolvendo a composição de palavras, frases e ideias para expressar pensamentos, sentimentos e informações.
11. Feminismo: Movimento social e político que busca a igualdade de gênero, lutando contra a discriminação, a opressão e as desigualdades baseadas no sexo ou gênero.
12. Identidade: Conjunto de características, valores, crenças e experiências que definem uma pessoa ou grupo, contribuindo para sua individualidade e pertencimento social.
13. Indígenas: Povos originários de determinada região, caracterizados por sua relação ancestral com o território, suas culturas distintas e seus modos de vida tradicionais.
14. Literatura: Manifestação artística que utiliza a linguagem escrita para criar obras de ficção, poesia, ensaio e outros gêneros, explorando temas, personagens e narrativas variadas.
15. Mitologia: Conjunto de narrativas, crenças e tradições que explicam a origem, o funcionamento e os significados do mundo natural e sobrenatural, presentes em diversas culturas.

16. Narrativas: Forma de expressão que conta uma história, seja por meio de texto, oralidade, imagem ou outra mídia, envolvendo personagens, eventos e conflitos.
17. Poder: Capacidade de influenciar, controlar ou exercer autoridade sobre outras pessoas, grupos ou situações, podendo manifestar-se de diversas formas, como política, econômica ou cultural.
18. Representação: Processo de apresentar ou retratar algo, seja de forma simbólica, imagética ou textual, refletindo interpretações, perspectivas e valores específicos.
19. Romance: Gênero literário caracterizado pela narrativa extensa e complexa que enfoca o desenvolvimento de personagens e relacionamentos, além de explorar temas diversos.
20. Social: Relacionado à sociedade, suas estruturas, normas, valores e interações entre indivíduos e grupos, abrangendo aspectos culturais, econômicos, políticos e históricos.
21. Teorias: Conjunto de ideias, conceitos e hipóteses que buscam explicar fenômenos ou aspectos específicos da realidade, fundamentando-se em observações, análises e métodos sistemáticos.
22. Textuais: Relativo aos textos escritos ou verbais, incluindo sua estrutura, estilo, linguagem e conteúdo, bem como sua interpretação e análise.
23. Venezuelanos: Referente aos habitantes ou à cultura da Venezuela, país localizado na América do Sul, conhecido por sua diversidade étnica, história política e desafios econômicos.
24. Violência: Ato ou comportamento que causa dano físico, psicológico, social ou emocional a uma pessoa ou grupo, podendo manifestar-se de diversas formas, como agressão física, verbal, psicológica ou estrutural.
25. Fanfictions: Narrativas escritas por fãs, baseadas em universos ficcionais preexistentes, como obras literárias, filmes, séries ou jogos, explorando personagens e enredos alternativos.
26. Gênero: Conjunto de características sociais, culturais e comportamentais associadas ao sexo biológico, influenciando identidades, papéis e relações entre homens e mulheres.
27. Linguagem: Sistema de comunicação que utiliza símbolos, sons, gestos ou sinais para transmitir significados e expressar pensamentos, emoções e informações.
28. Regionalismo: Manifestação cultural, linguística ou social característica de uma determinada região geográfica, refletindo suas peculiaridades e identidade local.
29. Estereótipos: Ideias simplificadas e generalizadas sobre pessoas, grupos ou coisas, baseadas em características superficiais, preconceitos ou clichês, que podem influenciar atitudes e comportamentos.

30. Acadêmico: Relativo ao meio acadêmico, à pesquisa e ao ensino em instituições de educação superior, incluindo atividades de estudo, produção de conhecimento e publicação científica.

SOBRE AS AUTORAS/ORGANIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO

Ayane Camila de Araújo Silva



É graduada em Letras - Português pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Desde o semestre de 2022.2 é mestranda no Programa de pós-graduação em Letras da UFRR e por este programa também é bolsista CNPQ. Professora efetiva de língua portuguesa do Governo de Roraima desde abril de 2022, atuando também como professora de português como língua de acolhimento desde outubro de 2018 e em abril de 2021 pelo SENAC/RR. Participou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras da UFRR de 2017 até 2020, duas vezes do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e atuou no Programa de Iniciação a Docência (PIBID). É escritora e pintora amadora.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/9300615217641788>

<https://orcid.org/0000-0002-8576-8400>

AUTORAS

Camila Godoy de Menezes



Professora de Língua Portuguesa na Escola Estadual Monteiro Lobato. Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Estadual de Roraima (2022), concentrou-se nos estudos linguísticos de quantificadores durante a graduação. Foi bolsista nos programas PIBID e PET. Participou de um Projeto de Extensão de Ensino de Língua Portuguesa para Estrangeiros e contribuiu/contribuiu para a elaboração de um dicionário digital de uma língua indígena de Roraima (Ye'kwana). Atualmente, encontra-se em processo de especialização em Ensino de Línguas na Universidade Estadual de Roraima e é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, realizando pesquisas na área de descrição de línguas indígenas.

ORCID: 0009-0000-2731-4921

Elaine de Sousa Soares



Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Roraima (2021). Realizou pesquisa como participante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como bolsista (2016-2018). Especialista em História da Amazônia pela Universidade Estadual de Roraima (UERR) (2022). Atualmente mestranda pela Universidade Federal de Roraima - Letras (2022-2024)

Hêndria Barata de Moura



Graduada em Letras - Português/Literatura pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Mestranda em Literatura (UFRR). Pós-graduanda em Psicopedagogia e Docência e Prática de ensino em Português. Possui experiência como professora de Língua Portuguesa no programa governamental Novo Mais Educação. Escritora. Contato: mourahendria@gmail.com

Hilvany Lannay Silva Araújo



Formada em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa. Participou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET - Letras) da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Foi voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) pela UFRR. Mestranda em Letras/PPGL (UFRR), linha de pesquisa em Literatura, Artes e Cultura Regional. É professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Educação Básica do Governo do Estado de Roraima.

Link: <https://orcid.org/0009-0009-3010-3821>

Contato: prof.araujohilvany@gmail.com

Rayelle Coelho Duarte Santos



Possui graduação em Português - Espanhol pela Universidade Federal de Roraima (2022). Possui 2 Licenciatura em pedagogia pela Faculdade FACETEN (2023). Mestranda em letras LITERATURA, ARTES E CULTURA REGIONAL pela Universidade Federal de Roraima (2022). Especializada em Educação Especial e Inclusiva pelo Centro Universitário Unifael.

Jhanayna Thamiris de Souza Almeida



Possui graduação em Letras - Espanhol e Literatura Hispânica pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Roraima (2015), segunda licenciatura em Letras - Português pelo Centro Universitário - UNIFAEL (2021), especialização em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade UniBF (2021). Atualmente é mestranda em Letras pela UFRR e professora titular - Secretaria de Educação do Estado de Roraima.

ORCID: 0009-0001-4116-0946

PESQUISAS NO EXTREMO NORTE: LETRAS, ARTES E CULTURAS

O E-book é uma coletânea de artigos elaborados por acadêmicas/mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Dividido em 5 capítulos, o objetivo é compartilhar parte dos estudos realizados e elaborados pelas discentes e dar mais visibilidade a estas pesquisas feitas no extremo norte do país

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
91985661194
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
Tv. Quintino Bocaiúva, 2301, Sala 713, Batista Campos,
Belém - PA, CEP: 66045-315

